

www.revistanascente.com.br

• Nº 163
muz 5779 • Jun / Jul 19

NASCENTE

Órgão de Divulgação da Congregação Mekor Haim

AVOT UVANIM

EDUCAÇÃO
Brincadeira é
Coisa Séria!

DINHEIRO
EM XEQUE
Sorvete

DE CRIANÇA
PARA CRIANÇA
O Palhaço
da Classe





CÉLEBRE O SHAVUOT COM MAIS SABOR.

O Shavuot, conhecido também como festa da colheita, é uma das mais importantes celebrações da cultura e tradição judaica. Pensando nisso, o Sacolão preparou uma seleção especial com esses produtos! **Venha conferir!**

EXIJA O SELO DE SUPERVISÃO RABÍNICA



**RUA DONA VERIDIANA, 158/162
HIGIENÓPOLIS ☎3331-4672**

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:
SEGUNDA A SÁBADO: DAS 7H ÀS 21H.
DOMINGOS E FERIADOS: DAS 8H ÀS 20H.





Como merecer proteção Divina:

Em momentos de **alegria**, em momentos de **tristeza**,
antes de uma **viagem**, por uma **salvação** ou **cura**.

Envie seu nome aos *Guedolê Yisrael* para uma *berachá* e para que seja lembrado nos locais sagrados por tudo o que você precisa!



0800-891-6701

Ou doe diretamente: www.kupat.org





Nº 163

Capa:

Avot Uvanim
Congregação,
pág. 18.

Nesta Edição



07
Dinheiro
em Xequê
"Sorvete".



56
De Criança
Para Criança
"O Palhaço
da Classe".
Chayim Walder

Expediente

A revista Nascente
é um órgão bimestral de divulgação da
Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010 - São Paulo - SP
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400
Fax: 11 3660-0404
e-mail: revista_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 10.500 exemplares

O conteúdo dos anúncios
e os conceitos emitidos nos artigos
assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores, não representando,
necessariamente, a opinião da diretoria da
Congregação Mekor Haim ou
de seus associados.

Os produtos e estabelecimentos casher
anunciados não são de responsabilidade da
Revista Nascente. Cabe aos leitores indagar
sobre a supervisão rabínica.

A Nascente contém termos sagrados.
Por favor, trate-a com respeito.

Páginas que necessitam de
Guenizá estão assinaladas.

NASCENTE



18
Congregação
"Avot Uvanim".

09
Era Uma
Vez I
"O Rei e o
Mendigo".

52
Datas
& Dados
Datas e horá-
rios judaicos,
parashiyot e
haftarot para os
meses de *Sivan*
e *Tamuz*.

47
Pensando
Bem
"Pensamentos".

14
Visão
Judaica I
"Fortalecer-se
Constantemente".

28
Leis e
Costumes
"Cuidados com
as Bênçãos".



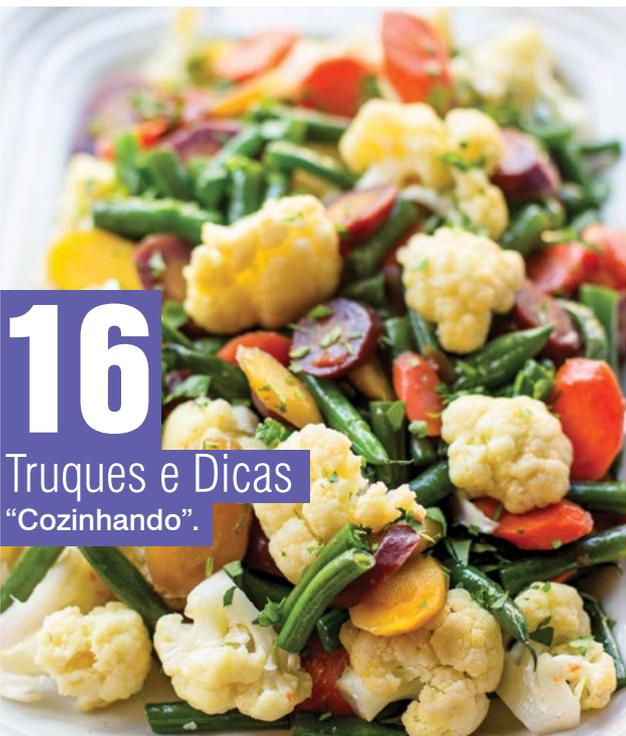
30

Nossa Gente
Acontecimentos que foram destaques na comunidade.



10

Educação
"Brincadeira É Coisa Séria!".



16

Truques e Dicas
"Cozinhando".



48

Maguen Avraham
"Lag Baômer".

13

Variedades I
"Engate a Segunda!".

50

Passatempos
"Palavras Cruzadas e Ilusão de Óptica".

20

Visão Judaica II
"Escolha por Default".

25

Era Uma Vez II
"Não Deveria Estar Pesado".

23

Você Sabia Quê...
"David Hamêlech".

26

Comportamento
"Pessac Halachá Sobre o Fumo".

38

Variedades II
"A Privilegiada".

É bonito ouvir interpretações sobre passagens bíblicas. Os ensinamentos de moral, conduta e legislação judaica associados aos relatos da *Torá* Escrita formam a *Torá* Oral. A *Torá* Oral foi transmitida a Moshê *Rabênu* no Monte Sinai, juntamente com a Escrita. Este conceito é a base de toda a prática do judaísmo. É contraditório discordar desta proposição e julgar-se um bom praticante do judaísmo.

Mesmo não discordando de que a *Torá* Oral também é Divina, frequentemente deduzimos nossas próprias interpretações para os relatos bíblicos e tiramos nossas conclusões como autodidatas. Quase sempre, este tipo de deduções “lógicas” favorece o comodismo do “filósofo” e influencia decisivamente seu modo de agir.

Neste sentido, podem até surgir interpretações que dizem ser necessário introduzir novas doutrinas e pensamentos ao judaísmo, “aceitar contribuições provenientes de outras perspectivas”. Certa vez esta dedução foi baseada tomando como exemplo o próprio líder judaico Moshê *Rabênu*. Moshê saiu ao encontro de Yitrô, que recém declarara sua crença no D’us Único, e dispôs-se a escutar os conselhos deste que, até há pouco, era de fora. Então nós também devemos sair ao encontro das contribuições de outras perspectivas...

Interpretações como esta atemorizam os mais cautos com as consequências que podem desencadear. Quando as palavras soam bonitas, podem até fazer com que esqueçamos de procurar a verdadeira interpretação na *Torá* Oral. Se ficarmos com a interpretação autodidata, arriscamos uma conduta errada e sérios enganos.

A verdade é que Moshê não tinha a intenção de ir ao encontro de perspectivas distintas das que conhecia na *Torá* Divina e hesitou em sair para receber seu sogro. Nossos sábios explicam no *Midrash Rabá* que ele só foi receber Yitrô depois de receber uma ordem explícita de D’us para

fazê-lo. Moshê acatou a ordem de D’us, já que o Único que poderia conhecer as verdadeiras intenções de Yitrô, com relação à sua declaração de aceitar o judaísmo, era o Todo-Poderoso.

No início da *Torá* consta a declaração de D’us: “Façamos o homem”. Rashi e o Midrash explicam que, com esta expressão no plural, o Criador quis demonstrar educação e humildade. Quando D’us ditou a *Torá* para que Moshê a escrevesse, ao chegar no “façamos o homem”, Moshê objetou, dizendo: “Como o Mestre do Universo pode dar aos contraditores da *Torá* a oportunidade de errar e deduzir, por esta expressão no plural, que houve mais de um criador do homem?”

D’us respondeu: “Escreve como Eu estou dizendo! Se alguém deseja errar, deixa que erre. Eu Me expressei no plural para ensinar ao ser humano uma lição de educação e humildade. Uma pessoa importante frequentemente pensa que é supérfluo pedir conselhos de um homem menos importante. Deixa que estude este versículo e aprenda que até mesmo o Criador dos mundos superiores consultou seus anjos antes de criar o homem.”

O Criador indicou, com isso, que a principal causa das interpretações erradas da *Torá* parte do íntimo das pessoas. “Se alguém deseja errar, deixa que erre!” Um homem que possui o desejo, a ânsia de interpretar mal a *Torá*, sempre encontrará um pretexto para fazê-lo; se não nesta frase, então em outra qualquer.

Interpretações podem ser feitas copiosamente e cada uma pode favorecer um tipo de pessoa. Com uma pitada de parcialidade, pode-se deduzir que é certo mentir “para o bem de todos”, enganar “sem maldade”, trabalhar “de leve” no *Shabat*, ingerir alimentos “não tão” proibidos, etc.

O importante no processo da busca da verdade é sempre procurá-la de forma imparcial em fontes judaicas legítimas. ■



Sorvete

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

Em uma determinada noite, o Sr. Moshê recebeu a visita surpresa de alguns de seus ex-alunos. Ele ficou muito sensibilizado com a visita.

Após os primeiros momentos de cumprimentos e acomodações nos sofás e cadeiras da sala, conversaram um pouco sobre o motivo da visita. Os ex-alunos queriam agradecer pela dedicação e pelos conhecimentos que receberam do Sr. Moshê, prestando uma homenagem com uma visita surpresa, uma placa de honra e um singelo presente.

O Sr. Moshê estava muito emocionado e contente.

Logo, lembrou-se que seria educado servir algo para seus queridos visitantes comerem.

Ele foi até a cozinha para tentar improvisar algo para servir-lhes. Mas, como fora pego de surpresa, estava totalmente desprevenido. Não havia nada em sua casa que pudesse servir aos rapazes.

Ele voltou para a sala e pediu gentilmente que o aguardassem por alguns poucos mi-

nutos, pois ele não demoraria para retornar.

Rapidamente o Sr. Moshê dirigiu-se a uma sorveteria, que era praticamente vizinha de seu prédio, para comprar uma caixa de sorvete.

Ao chegar no estabelecimento, percebeu que já estava fechando.

Mesmo assim, pediu desculpas pelo horário e solicitou que o dono gentilmente lhe vendesse uma caixa de sorvete.

O dono da loja desculpou-se, dizendo que não poderia mais atendê-lo. Que já passara da hora do expediente. Além disso, ele já tinha colocado as mesas e cadeiras, que ficavam na calçada, para dentro da loja, e elas praticamente o impediam de chegar até o freezer onde se encontravam as caixas de sorvete.

Sr. Moshê insistiu muito, contando o que estava acontecendo em sua casa, pedindo encarecidamente que o homem tivesse consideração por ele e abrisse uma exceção neste caso.

O dono da sorveteria ficou comovido e acabou concordando em deixá-lo entrar. Ele disse que, se o Sr. Moshê conseguisse chegar até o freezer onde se encontravam as caixas de sorvete e, se fosse capaz de retirar uma das caixas, que não se importaria de vendê-la para ele.

Como não há obstáculos diante da vontade de alguém, felicíssimo, demonstrando grande empenho e habilidade, o Sr. Moshê conseguiu retirar uma caixa de sorvete do freezer.

O Sr. Moshê agradeceu profusamente seu benfeitor e pagou pela mercadoria.

Os dois saíram juntos. O dono da loja trancou a porta e o Sr. Moshê apressadamente retornou para sua casa.

As visitas saborearam um delicioso sorvete e a conversa foi

muito agradável.

Na manhã seguinte, ao arrumar a loja para mais um dia de trabalho, foi a vez do dono da sorveteria receber uma “surpresa”. Todo o sorvete que estava no freezer derreteu – a porta do freezer tinha ficado aberta a noite inteira. Devido à pressa do Sr. Moshê, ele se esqueceu de fechá-la antes de partir.

Imediatamente o dono da loja ligou para o Sr. Moshê e ele desculpou-se, consentindo que esquecera a porta do freezer aberta.

Será que Sr. Moshê precisa arcar com o prejuízo, pagando por todo o dano causado? Ou talvez tenha sido um dano “indireto”, chamado de “gráma” pela lei judaica, e o bêt din não pode obrigá-lo a pagar?

O veredicto:

Na Guemará (Sanhedrin 76b) há uma discussão rabínica relacionada a um caso em que, por exemplo, a vaca de alguém sai do curral sozinha. Depois disso, alguém fecha a porta do curral, impedindo-a de retornar. Desta forma, o animal fica exposto ao sol por um tempo prolongado e acaba morrendo de calor.

Um dos sábios talmúdicos, Ravina, opina que o sujeito que fechou a porta precisa indenizar o prejuízo causado ao dono da vaca. Outro sábio, Rav Acha bar Rav, diz que o sujeito não pode ser cobrado pela perda, por ter sido um dano indireto.

Nos casos em que os prejuízos são enquadrados em “danos indiretos” – “gráma” – o tribunal rabínico não tem o poder de cobrar uma indenização do culpado. Mas, ainda assim, ele deve pagar. Caso não pague “neste mundo”, será cobrado no mundo vindouro.

No caso citado no Talmud, o sábio Rabênu Asher decreta que a lei

judaica deve ser aplicada conforme a opinião de Ravina, segundo a qual o sujeito é obrigado a pagar o prejuízo por ter fechado o portão do estábulo. Isso porque, ao fechar o portão, causou o dano com suas próprias mãos, impedindo que a vaca entrasse, condenando-a à morte.

Neste caso vemos, portanto, que o dano iniciou-se no instante que o indivíduo fechou o portão e intensificou-se com o decorrer do tempo.

Da mesma forma, no caso do freezer, podemos dizer que o dano teve início quando o Sr. Moshê abriu a porta. E no decorrer da noite o dano intensificou-se, fazendo com que o sorvete derretesse.

Alegando que o Sr. Moshê abriu a porta do freezer com o consentimento do dono da loja, poderíamos imaginar que, no primeiro momento, ele não fez nada de errado. E que, posteriormente, o dano aconteceu de forma indireta.

Mas, analisando bem a permissão para abrir a porta do freezer, chegamos à conclusão que certamente ela só foi dada com a condição que a porta fosse fechada após ele pegar o sorvete! E, se ele não a fechou, a abertura também é considerada, retroativamente, danosa.

Portanto, o Sr. Moshê está obrigado a pagar pelo sorvete derretido.

**Do semanário “Guefilte-mail”
(guefiltemail@gmail.com).**

Traduzido de aula ministrada pelo Rav Hagoon Yitschac Zilberstein Shelita. Os esclarecimentos dos casos estudados no Shulchan Aruch Chôshen Mishpat são facilmente mal-entendidos. Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo. Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.



O Rei e o Mendigo

Era uma vez um mendigo que estava estendido ao lado de uma rua. De repente, viu que, de longe, vinha o rei com sua coroa e seu manto.

– Vou pedir! Certamente me dará bastante... – pensou o mendigo.

Quando o rei passou perto dele, assim disse:

– Sua majestade poderia, por favor, dar-me uma moeda?

Falou isso, mesmo pensando que o rei daria muito mais.

O rei olhou para ele e disse:

– Por que não me dá você algo para comer? Por acaso não sou eu seu rei?

O mendigo não sabia o que responder.

– Mas sua majestade... eu não tenho nada! – exclamou finalmente.

– Algo você deve ter... busque! – respondeu o rei.

Espantado, o mendigo procurou entre suas coisas e encontrou uma laranja, um pedaço de pão e uns grãos de arroz. Pensou que o pão e a laranja eram muito para dar. Assim que, na sua raiva, pegou cinco grãos de arroz e deu-os ao rei.

Contente, disse o rei:

– Viu como você tinha! – e retribuiu cinco moedas de ouro, uma por cada grão de arroz.

O mendigo foi embora completamente feliz e conseguiu sair de sua miséria. Somente que sempre se lamentou não ter dado ao seu rei um pouco mais do que possuía.

* * *

Nós também pedimos muito de D'us...



Brincadeira é Coisa Séria!

Comentários do Rabino I. Dichi Shelita sobre a educação dos filhos, baseados no livro “Zeriá Uvinyan Bachinuch” de autoria do Rabino Shelomô Wolbe zt”l.

Rabino I. Dichi

Conforme explica o *Rav Shelomô Wolbe*, quanto à educação de uma criança existem dois conceitos: o de “semear” e o de “construir”. O servir a D’us é algo natural, que cresce depois de semeado. Apesar disso, os níveis que a pessoa atinge durante sua vida, sua personalidade, precisam ser construídos com dedicação. A cada período precisa-se de um balanço para constatar se houve o esperado crescimento espiritual.

Se desejamos que uma criança cresça como alguém que estuda a *Torá* e cumpre as *mitsvot* – a prioridade de todo judeu – preci-

samos semear nela a *Torá*! É indispensável que, por exemplo, ela observe o pai estudando e respeitando quem estuda. Muito cedo, também, já se deve ensinar à criança, conforme sua capacidade, sobre a existência de D’us e da *Torá*.

É claro que, depois de colocar a semente, é necessário regá-la constantemente com água para que cresça! Esta água é a atmosfera de harmonia no lar e o relacionamento caloroso dos pais em relação aos filhos; tudo isso aliado ao bom exemplo dos pais.

Sobre a construção do perfil espiritual, encontramos no *Pirkê Avot* (5:21) a seguinte

passagem: “*Ben chamesh shanim lamicrá, ben ésser lamishná, ben she-losh essrê lamitsvot, ben chamesh essrê lagumará...* – Com cinco anos de idade introduz-se a criança na leitura da *Torá*, com dez, na *mishná*, com treze, nas *mitsvot*, com quinze, na *guemará*.” Estas etapas foram fixadas pelos sábios da *mishná* para serem seguidas em sua época. Em nossos tempos também temos estágios de aprendizado determinados por nossos sábios. Estas etapas não são necessariamente idênticas às citadas pela *mishná*. De qualquer forma, é uma linha de ensino seguida basicamente de maneira uniforme nos centros judaicos de estudo do mundo inteiro. Cada geração, conforme a orientação dos sábios da época, deve adotar o sistema que é funcional, que é próprio para aquela geração.

Com isso, nossos sábios ensinam que existe um processo para construir a pessoa. Não é possível, por exemplo, ensinar *chumash*, *mishná* e *guemará* de uma só vez; tampouco transmitir determinados ensinamentos numa idade que ainda não é oportuna.

A educação precisa ser transmitida à criança conforme o seu desenvolvimento natural. Esta é uma regra essencial. Não é correto forçar a criança acima do que permite sua capacidade. Assim, é proibido exigir comportamentos incompatíveis com a idade e com o desenvolvimento da criança; conceitos que ela não consegue captar.

No livro “Alê Shur”, o *Rav Wolbe* comenta algo muito importante. Por vezes, queremos que uma criança compreenda coisas que nós levamos 30 anos para entender! Os pais devem tomar cuidado para não fazer exigências deste tipo. Quando uma

criança come, por exemplo, pode não conseguir evitar fazer sujeira. Não se pode exigir regras de etiqueta de uma criança de dois anos! Parte importante da educação é saber transmitir ensinamentos que podem ser assimilados e não o que está acima das possibilidades.

Quando não se transmite a educação de forma gradativa, conforme o que a idade da criança permite, ela passa a repudiar tais conceitos. Já que a criança não é capaz de assimilar tais ensinamentos, tentará se esquivar, escapar deles o quanto puder. Essas exigências causam, então, um dano grave no seu desenvolvimento espiritual.

O progresso da criança acontece gradativamente. Com o tempo, ela cresce fisicamente e espiritualmente. De forma análoga ao crescimento de uma árvore, o desenvolvimento da criança precisa ser cultivado.

Quando se trata de “semear” na criança princípios, são necessários cuidados extremos. Precisamos plantar exatamente o que queremos que cresça. Quanto à “construção”, deve ser feita por etapas. Não se pode apoiar apenas no que se semeou e esperar que futuramente cresça algo desejado. Precisa-se acompanhar o crescimento levando em consideração o potencial de desenvolvimento da criança. E não só isso. Deve ser levado em consideração o tempo necessário para assimilar cada conceito.

Outro fator a ser analisado diz respeito aos brinquedos. Muitas vezes os pais não dão a importância necessária para os jogos e os brinquedos dos filhos. Os brinquedos constituem algo extremamente sério para a criança. O *Rabi Yisrael Salanter zt”l* cita um exemplo que ilustra a importância deste conceito. Di-

O judaísmo mais perto de você!

editora & livraria

SEFER

A LIVRARIA JUDAICA DO BRASIL
www.sefer.com.br

Alameda Barros, 735 | tel. 11 3826-1366
www.sefer.com.br

VOCÊ É SEFARADI?

AGORA QUALQUER SEFARADI PODE SOLICITAR PASSAPORTE EUROPEU!

Não é necessário provar origem portuguesa ou espanhola para isso!

Com um passaporte europeu você poderá residir e trabalhar em qualquer um dos 28 países da União Europeia e não precisará de visto para viajar para os Estados Unidos.

Fazemos todo o assessoramento para a obtenção de nacionalidade portuguesa para sefaradim.

www.sefaradim.com.br
Tel: 55 11 3661-4399 | 55 11 98313-1118
contato@sefaradim.com.br

Dr. Roberto Heymann

CLÍNICA MÉDICA & REUMATOLOGIA

Osteoporose, Doenças da Coluna, Fibromialgia

Rua Conselheiro Brotero, 1539 cj.52
Tel: 11 3667-8014 ou 3668-5442

HOSPITAL ALBERT EINSTEIN
Bloco A1, 3º Andar - Office 300 H
Tel: 11 2151- 9205.

David Abadi e Família

Desejam muito sucesso material e espiritual para toda a kehilá.

gamos que uma criança está tomando banho e brinca com um pedaço de madeira dizendo que é um navio. Tirar dela esta madeira é como afundar o navio de uma pessoa adulta. O sofrimento que uma criança de três anos passa por causa de um procedimento destes é equivalente ao de uma pessoa adulta que perdeu um navio. Se isso é encarado como uma tolice pelos pais, é algo muito sério para a criança. Alguém que atrapalha a brincadeira de uma criança está lhe roubando algo, prejudicando-a.

Na educação das crianças existem, também, normas que são equivocadamente aceitas e seguidas de forma generalizada. Por exemplo, exige-se das crianças que fiquem todo o tempo sentadas quietas à mesa durante a refeição de *Shabat*. Muitas vezes a refeição leva uma hora, uma hora e meia ou mais. Para uma criança isso é algo extremamente difícil. Ela não consegue permanecer sentada tanto tempo em silêncio sem se mexer. Ela sente necessidade de levantar, circular! Obrigá-la a ficar sentada todo esse tempo é forçá-la a algo muito acima das suas possibilidades. Nem é necessário explicar o quanto isso é prejudicial. Então, se os pais já conseguiram que a criança presencie o

Kidush e, depois disso, se ela quiser circular, não é necessário ser tão rigoroso.

Analisemos um pouco mais a intenção dos pais no exemplo citado. O propósito é fundamentalmente bom. Os pais querem que os filhos sentem à mesa de *Shabat* para transmitir valores importantes. Afinal, a união da família em torno da mesa de *Shabat* não merece consideração? Os pais estão empenhados em construir princípios judaicos da educação. Em nome disso, forcem a criança a permanecer sentada. No entanto, tais princípios não podem ser construídos com exigências que estão acima das suas possibilidades. As consequências disso podem ser graves. Ainda mais quando se trata de uma criança pequena.

Podemos citar outra situação análoga. Logo a partir de 3 ou 4 anos os pais começam a ensinar as crianças a andar constantemente com *kipá*. Isso é certamente algo bonito e positivo. A intenção é a melhor possível. Os pais desejam a melhor educação para seus filhos e, neste caso, o empenho pode ser maior daqueles que não tiveram esta educação desde criança e desejam isto para seus filhos. Digamos, então, que, em determinado momento, a criança jogue a *kipá* e se recu-

se a colocá-la novamente. Neste caso não se pode forçá-la a usar. Não adianta bater na criança e obrigá-la a isso. Desta forma ela poderá acabar detestando a *kipá*. Uma criança de três anos não tem a obrigação de estar sempre com *kipá*. É preciso educá-la que, amanhã, quando for adulta, deverá usar *kipá* constantemente. Mas deve-se fazer isso gradativamente, de forma que ela goste, e que seja de fato conforme as suas possibilidades.

Se os pais agirem com paciência e dedicação, chegará a idade em que o menino gostará de usar a *kipá*. Então, até mesmo quando ele estiver dormindo no colo dos pais e a *kipá* começar a cair, ele a arrumará sozinho na cabeça.

Conscientes de que a “construção” da educação precisa ser realizada conforme o desenvolvimento natural da criança, os pais alcançarão mais facilmente o sucesso na nobre tarefa de educar segundo os valores sagrados da *Torá*.

do shiur sobre educação ministrado pelo Rabino Isaac Dichi Shlita, baseado no livro “Zeríá Ubinyan Bachinuch” do Rabino Shelomô Wolbe Shlita zt”l

HOPE®

Parabeniza a Congregação pela divulgação dos valores judaicos!



Engate a Segunda!

Eram seis quilômetros, que o homem percorria diariamente para chegar ao trabalho. Caminhando, levava mais de uma hora para chegar.

Para sua felicidade, chegou um dia em que ganhou um automóvel. Agora, com a primeira marcha do carro engatada, podia atingir os 30 Km/h e chegar em apenas vinte minutos.

Passaram-se muitos anos e o homem não chegou a saber que existia uma segunda marcha!...

* * *

Este é o exemplo que traz o Rabino Shimshon David Pinkus *zt"l* em seu livro *Shearim Batefilá*, em uma analogia com as orações que proferimos diariamente.

A oração é importante para que nos sejam enviadas dádivas Divinas que, de outras formas, não mereceríamos. Além disso, mesmo que tenhamos méritos para receber tais presentes, muitas vezes eles só nos são enviados, de fato, após proferimos nossas orações.

Assim como devemos progredir no estudo da *Torá*, devemos progredir nos níveis da *tefilá*. Para isso, é necessário dedicar esforços e estudos. Há pequenas informações, contudo, que nos fazem saltar para níveis muito mais elevados.

Um exemplo disso, segundo o Rabino Pinkus, é o que explica o *Arizal* sobre a repetição da *Amidá*, a *Chazará*, recitada pelo *chazan* em voz alta. Muitas pessoas acreditam que a *Amidá* é mais importante que a *Chazará* e desperdiçam o tempo da *Chazará* com outras leituras ou pensamentos alheios. Isso pode ocorrer por mais de 70 anos... No entanto, segundo o *Arizal*, a *Chazará* é muito mais importante que a *Amidá*, e dela depende a boa aceitação de nossas preces.

Assim como a informação da segunda marcha do carro é de grande valia para o motorista, a suprema importância da *Chazará* é uma informação valiosíssima para quem almeja atingir altos níveis espirituais em suas orações.

Fortalecer-se Constantemente

Se o Rei David estava em um nível espiritual tão elevado, por que frequentemente ponderava sobre qual o caminho correto a seguir?

Rabino I. Dichi

No início de *Parashat Bechucotay*, Midrash Rabá traz o versículo do *Tehilim* (119:59): “*Chishávti derachay vaashiva raglay el edotecha* – Ponderei meus caminhos e fiz retornarem meus pés a Teus testemunhos”. O Rei David costumava refletir frequentemente e chegava à conclusão de que o caminho correto é o da *Torá* e suas *mitsvot*. Ele dizia: “Todos os dias eu digo que irei a algum lugar e, no entanto, meus pés me levam para os *batê kenessiyot* e *batê midrashot*.” O Rei David também meditava sobre a recompensa que a *Torá* promete pelo cumprimento das *mitsvot* e o dano que acarretaria contradizer o Todo-Poderoso e seus preceitos.

David *Hamêlech* possuía um nível espiritual sublime e estava convicto

de que servir o Todo-Poderoso, seguindo Sua *Torá* e Seus preceitos, é o ideal para a vida. Ele sabia que é por essa razão que as almas são enviadas para a Terra. Sendo assim, qual o motivo da necessidade de repetir diversas vezes o despertar desta convicção por intermédio das reflexões citadas?

Nós sabemos que a recompensa pelo cumprimento das *mitsvot* está reservada para o Mundo Vindouro. Neste mundo não há retribuição pelo cumprimento das *mitsvot*, conforme consta em *Kidushin* (39b): “*Sechar mitsvá behay alma leyca* – Não há recompensa para as *mitsvot* neste mundo”.

Em *Hilchot Teshuvá* (cap. 9 par. 1), Rambam nos diz que, se cum-

prirmos a *Torá* com alegria e meditarmos sobre sua sabedoria sempre, o Todo-Poderoso nos livrará dos acontecimentos que nos impedem de cumpri-la – como as doenças, a guerra e a fome. Ele também explica que o Criador nos dará em abundância todos os bens materiais, como fortuna, paz e opulência, cumprindo-se dessa forma as promessas da *Torá* – para não precisarmos nos ocupar todo o tempo com as necessidades materiais. Dessa maneira teremos tempo livre para estudar a *Torá* com afinco e cumprir as *mitsvot*, para que possamos receber a verdadeira recompensa – o *Olam Habá* (Mundo Vindouro).

Nossos sábios disseram no *Pirkê Avot* (4:2): “*Sechar mitsvá, mits-*



HM
Hecho por Mi
Costura - Crochê

Kissuim
Imperdíveis!

Garanta
já os
seus!

Telefone: 94168-5077



KALIMO

Parabeniza a Congregação pela
divulgação dos valores judaicos.

vá – A recompensa por uma *mitsvá* é outra *mitsvá*”. Quando cumprimos uma *mitsvá*, o Todo-Poderoso nos dá a oportunidade de cumprir outra. Com o acúmulo das *mitsvot*, o indivíduo cria seu “capital espiritual”, e é por causa deste capital que recebe o que lhe é de direito no *Olam Habá*.

A *mitsvá* é algo espiritual, e o que é espiritual não pode ser pago com algo material. Não há valor monetário que possa remunerar uma *mitsvá*. Ela possui um valor ilimitado e eterno, o que não acontece com os valores materiais, que são limitados.

Os valores espirituais são eternos, mas são abstratos – não enxergamos e não podemos tocar. Já os valores materiais são concretos e palpáveis. Isso faz com que seja difícil assimilar os valores espirituais. Estamos mais acostumados com o concreto. É por isso que o rei David fazia constantemente os cálculos da recompensa pelas *mitsvot* e dos danos espirituais causados pelos pecados. Para não perder a verdadeira noção do que é mais valioso, do objetivo de nossas vidas.

Se alguém como o rei David, tão convicto dos ideais da *Torá* e suas *mitsvot*, necessitava fazer este balanço constantemente, muito mais

nós, temos necessidade de fortalecer nossa visão espiritual. Precisamos passar a sentir que os valores espirituais são absolutos e que não podem ser trocados por valores limitados e passageiros.

Sobre isso, disseram nossos sábios (Berachot 32): “*Arbaá tserichim chizuc: Torá, maassim tovim, tefilá vedêrech êrets* – Quatro coisas necessitam de fortalecimento: o estudo da *Torá*, as boas ações, o nível de orações e a boa educação”.

Sobre a palavra *chizuc* desta passagem, Rashi comenta que este fortalecimento deve ser constante e com todas as nossas energias. Da mesma forma que um profissional necessita aprimorar-se e atualizar-se em seu ofício para poder exercê-lo com a devida competência, assim também acontece com o estudo da *Torá*, com o cumprimento das *mitsvot*, com a *tefilá* e com nossa educação. Estes devem ser fortalecidos constantemente para que possamos nos manter sempre em um nível espiritual elevado.

Por isso, nossas orações devem ser feitas sempre com compenetração e concentração, já que estamos servindo ao *Mélech Malchê Hamelachim* – Rei dos reis – e a cada vez que Seu Nome for citado na *tefilá*, deve ser feito com a devida atenção. ■



50 anos

Fitas Elásticas

Fitas Rígidas

Bojos

Velcro

Fio para Costura

Etiquetas Bordadas

FITAS ELÁSTICAS ESTRELA LTDA.
Rua João Roberto nº 580 - CEP 07221-040
Cidade Industrial de Cumbica
CEP - 07221-040 - Guarulhos - SP
Tel: (55-11) 2142-7277
Fax: (55-11) 2142-7299
e-mail: estrela@estrela.ind.br
Internet: www.estrela.ind.br

KADUR
by **Optimist**

*Deseja sucesso
para toda a
Kehilá!*

www.kadur.com.br

PRECISANDO DE VINHOS OU ESPUMANTES KASHER? ^{BH}
TEMOS AS MELHORES OPÇÕES!
FAÇA O SEU ORÇAMENTO CONOSCO:
www.vinikbebidas.com.br
Greicy Freilich Susyn | (11) 9.6633.8515

Verifique a supervisão rabínica em cada produto

**Albert Choueke
e família**

Parabenizam a
Congregação Mekor Haim
pelo belíssimo trabalho de
divulgação da nossa
sagrada *Torá*

IPL
INCORPORADORA PAULISTA LTDA.



Cozinhando

Truques e dicas fáceis e práticas para descomplicar sua vida e solucionar incontáveis problemas do dia a dia!

Batata: Para que as batatas fiquem inteiras quando cozidas, antes de fervê-las unte-as com vinagre.

Beterraba: As beterrabas cozinharão mais rapidamente se for acrescentada uma pitada de açúcar à água. O sabor não se modifica e economiza-se tempo.

Carne I: Para amolecer carne refogada ou ensopada, coloque dentro da panela uma colherinha (de café) de fermento em pó.

Carne II: Para amolecer a carne cozida, acrescente vinagre ao caldo.

Carne III: Para que a carne com molho fique bem branda, coloque durante o cozimento uma rolha grande bem limpa.

Carne malpassada: Para reaquecer a carne malpassada sem que cozinhe mais, ponha-a num saco plástico com zíper, retirando todo o ar de dentro. Depois, coloque o saco de molho numa tigela de água quente.

Cebola: Para dar um bom paladar às cebolas, experimente mergulhá-las durante 20 minutos, antes de cozinhar, numa vasilha com água quente e sal.

Cenoura: Ao cozinhar cenouras cortadas em rodelas ou palitos, use o mínimo de água possível e adicione uma colher (de chá) de açúcar. Assim, sua cor e sabor ficarão acentuados.

Comida queimada: Cubra a panela com um pano e coloque-a em um recipiente com água fria por 10 minutos. Depois mude o conteúdo para outra panela. A mudança de temperatura faz o gosto desaparecer.

Comida salgada: Pingue algumas gotas de limão e deixe ferver um pouco mais. Pode-se também acrescentar uma colherinha de açúcar e outra de vinagre.

Ervilhas, abóbora, chuchu: Quando você for cozinhar ervilhas, abóbora ou chuchu, adi-

cione à água uma pitada de açúcar; eles ficarão mais gostosos.

Feijão I: Coloque um tomate no feijão que vai cozinhar. Além de engrossar o caldo, fica mais saboroso.

Feijão II: Para engrossar o caldo e evitar que o feijão fique cozido demais, basta adicionar uma pitada de bicarbonato de sódio à água, e só colocar o sal depois que os grãos estiverem cozidos.

Feijão III: Tempere o feijão colocando a cebola primeiro na fritura. Só quando ela já estiver dourada acrescentar o alho. Assim ele não queimará.

Feijão IV: Os feijões ficam mais macios quando levados ao fogo em água fria e cozidos lentamente.

Legumes: Para ter os legumes verdinhos, sem ter que colocar bicarbonato, junte ao cozimento uma colher de azeite.

Legumes: A água usada para cozinhar legumes e verduras é rica em vitaminas e sais minerais dissolvidos. Ela pode ser aproveitada no preparo de sopas e caldos.

Macarrão I: Coloque uma colher (de sopa) de vinagre na água do macarrão e ele não grudará.

Macarrão II: Depois de pronto, passe o espaguete sob água quente, nunca fria, para evitar que fique grudado.

Mandioca: Quando o aipim (mandioca) estiver duro, junte um copo de água fria enquanto ferve e logo ele ficará macio.

Molho de tomate: Para retirar a acidez do molho de tomate, acrescente uma pitada de açúcar.

Molho gorduroso: Se o molho ficar muito gorduroso, acrescente uma pitada de bicarbonato de sódio.

Nhoque: Para que seus nhoques não grudem, quando tirá-los da fervura use um coador e passe-os em água corrente quente.

Ovos: Cozinhe os ovos rachados com um pouco de vinagre na água e as claras não sairão pelas rachaduras.

Palmito, aspargo: Legumes brancos, como o palmito e aspargos, são conservados claros acrescentando limão à água de cozimento.

Peixe: Espregando limão sobre os peixes que serão cozidos, eles ficarão mais firmes, mais brancos e a pele não se desmanchará.

Pimentão: Ferva e descasque os pimentões antes de usá-los em molhos ensopados. A casca “pesa” no estômago em razão do tipo de fibra que possui.

Polpa de tomate: Para ter polpa ou massa de tomate sempre fresca, congele os tomates inteiros – não precisam ser de grande qualidade. Quando quiser usar, basta retirar do congelador e passar por água. A pele sairá com uma simples passagem da mão. Corte-os em quartos. Pode-se usá-los sem descongelar totalmente.

Purê de batatas: Dê mais sabor ao purê de batatas acrescentando uma clara batida em neve depois de espregê-las.

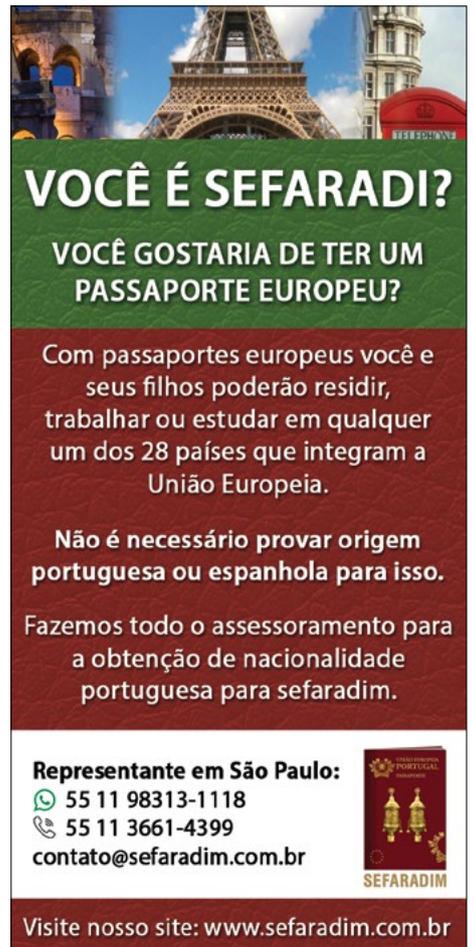
Quiabo: Para que os quiabos não deixem baba, esprema suco de limão, revolva-os bem, deixe por 20 minutos e corte.

Sopa I: Para tornar mais saborosas as sopas de hortaliças, acrescente uma pitada de açúcar e duas ou três folhas de manjerição picadas.

Sopa II: A sopa fica mais leve e livre de gorduras se forem colocadas na panela algumas folhas de alface. Elas são ótimas para reter gorduras.

Vinho, cerveja: Quando se cozinha com vinho ou cerveja, nunca se deve tampar o tacho.

Aguarde nas próximas edições: “Assando”, “Fritando” e “Armazenando”.



VOCÊ É SEFARADI?

VOCÊ GOSTARIA DE TER UM PASSAPORTE EUROPEU?

Com passaportes europeus você e seus filhos poderão residir, trabalhar ou estudar em qualquer um dos 28 países que integram a União Europeia.

Não é necessário provar origem portuguesa ou espanhola para isso.

Fazemos todo o assessoramento para a obtenção de nacionalidade portuguesa para sefaradim.

Representante em São Paulo:

55 11 98313-1118
55 11 3661-4399
contato@sefaradim.com.br

SEFARADIM

Visite nosso site: www.sefaradim.com.br

Família Sterenfeld

Deseja paz, saúde e alegrias para toda a comunidade judaica!

menorá

— B U F F E T —

Parabeniza a congregação pela divulgação dos valores judaicos

ACEITAMOS ENCOMENDAS

RUA MARANHÃO, 404 - HIGIENÓPOLIS
TEL: 3825-3422 - eventos@buffetmenora.com.br



Avot Uvanim

Estudos de pais e filhos às vésperas de Pêssach na Congregação





Escolha por “Default”

Nossas vidas podem estar repletas de respostas e decisões tomadas por “default”.

Yochanan David Salomon

AOS usuários de computadores é bem conhecido o conceito de “*default*” – falta de opção. Os leigos também poderão entender o termo depois de uma breve explicação.

Em certas ocasiões, o computador exhibe algumas possibilidades que o usuário escolhe conforme sua vontade. Por exemplo: quando o usuário dá um comando de impressão “*print*”, é-lhe questionado quantas cópias deseja, qual a impressora a ser utilizada, etc. Se o usuário não responde às perguntas e segue em frente, o computador não fica emperrado. Ele escolhe por si só a resposta “padrão” (a mais comum) para cada uma das perguntas e opera desta maneira. As respostas que o computador escolhe estão programadas para o caso da falta de opção por parte do usuário. Uma vez que o computador foi programado desta maneira, não há problema se o usuário não responder às perguntas, pois o computador continua funcionando normalmente.

Se nos aprofundarmos, veremos que a escolha por *default* não é exclusiva da informática. As situações diárias, em todos os campos, também funcionam desta maneira na falta de opção do sujeito a quem caberia tomar alguma decisão.

Por exemplo: uma dona de casa descobre, na quarta-feira, que na geladeira há restos de comida do *Shabat*. Ela fica indecisa se o alimen-

to ainda pode ser ingerido ou se, talvez, já está estragado e o correto seria jogá-lo fora. A falta de uma decisão neste momento tem um desfecho muito claro: no dia seguinte o alimento é jogado fora por ser impróprio para o consumo. A falta de decisão desta senhora é, de fato, uma decisão. Como no exemplo do computador. Esta é uma decisão por *default* – por omissão de escolha – no cotidiano da dona de casa.

Analisemos como esse conceito acontece de uma forma mais corriqueira. Um judeu que, ao acordar, depara-se com a dificuldade da incerteza de ainda “pegar” o último *minyan* da sinagoga. É mais do que evidente que mais cinco minutos de vacilação significam uma decisão clara: ele rezará em casa sozinho. O *Yétser Hará* – o mau instinto – muito esperto, não apresenta sua opção (rezar em casa) preto no branco. Isso poderia causar uma objeção imediata por parte do indivíduo. Por isso, a escolha por *default* funciona como um trunfo do *Yétser Hará*. Essa opção fica escondida do sujeito. Em mais cinco minutos, então, ela aparece como a única solução restante.

Outro exemplo: Uma senhora se lembra que tem marcada uma festa de *bar mitsvá* à noite – em menos de doze horas – em outra cidade. Ela mexe e remexe para decidir se viaja ou não. Para nós está claro que ela escolheu, por não se decidir logo, não viajar. A festa, que acontecerá

na mesma noite, não aguardará uma decisão desta senhora, se é que haverá uma decisão. A indecisão está fundamentada em desculpas como: “Será que vale a pena viajar para tão longe só por causa de uma festa?”, “Eu poderia apenas enviar um telegrama ou mandar um presente pelo correio...”. A decisão de não viajar não é explícita, mas sim uma decisão por *default*.

A influência da escolha por *default* na nossa vida vai desde dúvidas simples, como comprar algum produto que custa alguns reais, até decisões importantes, como adquirir uma casa ou aceitar um emprego.

Da mesma forma, o mesmo acontece com uma equipe de governo que tenha bons motivos tanto a favor quanto contra tomar uma determinada decisão. Se ela tarda em tomar qualquer atitude, devido à dificuldade das circunstâncias, está respondendo com um grande “não” por *default*.

Muitos noivados também não se realizam por *default*. Não por haver uma resposta negativa por parte de um dos lados, mas por causa das constantes hesitações, pela falta de uma resolução clara.

Em todos esses casos, a escolha por *default* parece acontecer como um fato externo ao indivíduo. Como se ele mesmo não a escolhesse. Mas, na realidade, ela é uma decisão sua,

oculta, por causa da hesitação.

O conceito de decisão por *default* deve ser sempre lembrado nos casos de hesitação. De outra forma, estaremos nos enganando se imaginarmos que, por permanecermos indecisos passivos, não tomamos qualquer decisão.

Há um outro conceito, tão importante quanto o anterior, relacionado com a hesitação, com a dúvida. São as respostas por *default* no campo das ideias

No cruzamento de avenidas principais numa grande cidade, muitas vezes se encontram representantes de veículos de comunicação, empunhando microfones ou pranchetas. Eles entrevistam os transeuntes com perguntas atuais. Algumas vezes as pesquisas são realizadas por telefone ou de porta em porta. Tudo isso para saber o que pensam os cidadãos sobre os temas em pauta. A meta dos pesquisadores é agrupar as respostas e ordená-las, compondo um relatório que apontará os índices percentuais das várias opiniões.

Mas de onde os indagados têm respostas para assuntos complexos e diversificados? O que eles realmente sabem e quando tiveram a oportunidade de estudar e meditar sobre tais temas?

Vejam algumas perguntas que constam nestes tipos de pesquisas: Qual a sua opinião sobre transplantes de coração? Sobre pena de morte para terroristas? Sobre a solução palestina? Sobre eutanásia? Uma pessoa que se recuse a aceitar um diagnóstico que a obrigue a amputar uma perna deve ser forçada a fazê-lo?

Cada uma destas perguntas exige um vasto conhecimento e estudos prolongados sobre o assunto. Somente depois de uma análise profunda esquadrihada por todos os ângulos poderia se arriscar uma posição. As próprias respostas dos entrevistados demonstram o quanto estão longe da capacidade de opinar sobre tais assuntos.

Apesar disso, é interessante notar que ninguém nega uma resposta, admitindo não dominar o assunto. Todos estão dispostos a opinar sobre qualquer tema – desde o musgo na parede até os cedros do Líbano – sem pestanejar e com uma convicção surpreendente.

Por vezes, o entrevistado até tem dificuldade em entender a pergunta. Mesmo assim, após uma breve explicação sobre o assunto, emite seu parecer.

Quem achar exagero, que faça um teste. Basta perguntar para pessoas que não terminaram o ginásio qual a

“Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham, nosso pai; o que possui os vícios opostos é um discípulo de Bil’am, o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são as características dos discípulos de Avraham. O mau olhar, o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bil’am.”

Ética dos Pais 5:23

*Edmond Khafif
e filhos*

*Parabentizam a
Congregação Mekor Haim
pela divulgação dos valores
judaicos e desejam paz
e saúde para todo
Am Yisrael.*

viabilidade econômica do projeto das pistas de um ônibus “fura-fila”. Cada um terá seu parecer.

Parece uma piada – sem graça – mas é a realidade. Sobre cada assunto emite-se um parecer, seja ele econômico, militar ou tecnológico.

Há poucas exceções. “O Iraque pode produzir uma bomba atômica com seus próprios recursos?” Se o entrevistado não possui absolutamente nenhum conhecimento sobre o assunto, aí sim não responderá.

Mas isso nunca acontece quando se trata de um assunto de âmbito moral. Muitas pessoas até ditas religiosas pensam que, neste caso, não há necessidade de conhecimentos anteriores e nem de uma escala de valores aprovadas pela *Torá*. Para estes, é suficiente afirmar o que vem “do coração” – o que seus sentimentos sugerem no momento. Acreditam que o coração e os

sentimentos não precisam de ensinamentos prévios, ponderar ou conhecer a opinião da *Torá* sobre assuntos morais.

Neste caso também ocorre uma escolha por *default*: um parecer íntimo, por vezes impulsivo, sem conhecimento de uma opção mais esclarecida.

Se uma pessoa não medita baseada em estudos, na comparação, em perguntas para sábios e em pensamentos dirigidos pela *Torá*, então imediatamente entra em função a escolha por *default* – que não exige esforço e tempo.

Muitos desconhecem que todo problema que se refere ao comportamento humano possui solução na *Torá*. Além disso, que somos obrigados a procurá-la na *Torá*, pois D’us pede que sigamos seus passos e andemos no caminho correto e honesto. Não é possível que Ele nos abandone e nos deixe sem um direcionamento preciso,

sem nos mostrar o que é bem visto aos Seus olhos em qualquer problema de consciência.

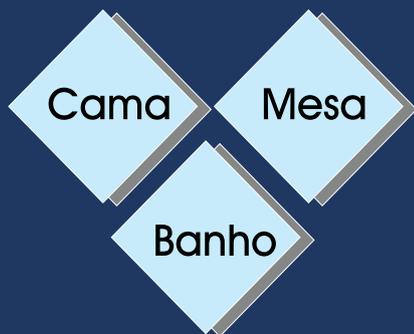
É importante saber que, ao responder uma pergunta, o rabino não fala conforme seus sentimentos. Ele busca as respostas na *Torá* – uma fonte inesgotável de sabedoria. É assim que ele direciona o indagador.

Esse é o conceito de escolha por *default* no campo das ideias. Não podemos deixar que respostas preconcebidas em nosso íntimo – fruto de parcialidades e influências do meio – dirijam nossos pensamentos e atitudes. Devemos sempre procurar conhecer a vontade de D’us. Não nos envergonhemos de seguir o que disseram nossos sábios: “Acostume sua língua a dizer não sei”. Aquele que é capaz de dizer “não sei, vou verificar o que a *Torá* diz” é um herói capaz de frear a escolha por *default* e dominá-la. ■

CAMESA

INDÚSTRIA TÊXTIL LTDA.

Linha Completa de



Fone: (011) 6423-7000

Fax: (011) 6423-7010

Guarulhos - São Paulo

Parabeniza a Congregação

pela divulgação
dos valores judaicos.



VOCÊ SABIA QUÊ...

DAVID HAMÊLECH

- Nasceu circunciso (Sotá 10b).
- Era descendente de Miryam e Calev. Pois em *Divré Hayamim I* (2:19) consta: “Calev casou-se com Efrat”. E em *Shemuel I* (17:12) consta que David era filho de um homem Efrati (Sotá 11b).
- David era descendente de Nachshon (Rut 4:20-22).
- A mãe de David se chamava Nitsêvet bat Adiel (Bavá Batrá 91a).
- O bastão que estava na mão de Moshê também estava na mão de David, conforme consta (Shemuel I 17:40): “Ele pegou seu bastão em sua mão”. Este bastão estava na mão de cada rei até a destruição do Templo Sagrado (Yelamedênu Chucat, ed. Greenhut, Licutim 4).
- David é o quarto suporte da Carruagem Celestial (Zôhar 1:248b).
- Quem vir David em seu sonho pode esperar por piedade (Berachot 57b).
- O olhar de David estava sempre para baixo, graças ao temor por seu Mestre. Quando andava entre as pessoas, não havia qualquer orgulho nele (Zôhar 2:101b).



- David chamou-se de servo de D’us, e o Todo-Poderoso chamou-o da mesma forma (Sifri Vaetchanan 27).
- Não fosse pelas preces de David, todos em Israel seriam vendedores de palha (i.e., pobres) (Sotá 49a).
- No futuro, o Todo-Poderoso preparará uma festa para os justos. Após o banquete, Ele pedirá aos antepassados de Israel para pegarem o cálice e liderar o *Bircat Hamazon*. Mas todos recusarão, insistindo não serem aptos. Finalmente, D’us dirá para David: “Pegue o copo e lidere a prece”, e David responderá: “Eu liderarei as orações, e é apropriado que eu o faça”. Por isso, está escrito (Tehilim 116:13): “*Côs yeshuot essá Uvshem Hashem ecrá* – Eu erguerei a taça das salvações e invocarei o Nome do Senhor” (Pessachim 119b).



NASCENTE Faça seu site conosco!

Equipe especializada em desenvolvimento de sistemas web (CRM, ERP, CMS)
Criação de sites e portais personalizados

Fone: 11 3822-1416

revista_nascente@hotmail.com



Não Deveria Estar Pesado!

Certa vez, um comerciante chegou numa cidade onde fazia seus negócios e pediu a um carregador que levasse sua mala até a hospedaria. O carregador seguiu atrás do comerciante com a mala. Quando chegaram no local, o carregador deixou a mala do lado de fora e foi ao encontro do comerciante para pedir uma remuneração pelo seu esforço.

Imediatamente, o comerciante respondeu ao rapaz que ele cometera algum engano; que trouxera uma mala errada equivocadamente. O jovem se espantou e perguntou como o comerciante poderia afirmar que não era a sua mala, se ela estava do lado de fora da hospedaria, fora do alcance de suas vistas. O comerciante respondeu simplesmente que não havia motivo para o carregador estar cansado e suado, uma vez que sua mala era leve.

* * *

O *Maguid* de Dubna foi um dos grandes palestrantes da Europa. Viveu na época do *Gaon*

de Vilna e várias vezes foi chamado por ele para lhe ministrar palestras de *mussar*. Conhecido como o *Báal Hameshalim* – pois em suas explicações contava parábolas para exemplificar melhor suas ideias – contou esta analogia para esclarecer a passagem (Yeshay’áhu 43:22): “*Velô oti carata Yaacov, ki yagata Bi Yisrael*” – E não chamaste a Mim, Yaacov (designação do Povo de Israel), pois cansaste com Meu serviço, Israel. Segundo o *Rebe* de Kotsk, esta foi uma das três alegorias que o *Maguid Midubna* contou sob *Ruach Hacôdesh* – sob inspiração Divina.

O sábio explicou a analogia da seguinte forma:

O Criador diz ao Povo de Israel a mesma coisa que o comerciante: “Se vocês estão cansados e suados, é sinal que cometeram algum engano, pois o cumprimento das *mitsvot* e o estudo da *Torá* traz somente satisfações e alegrias. Caso sintam ser um peso cumprir as *mitsvot* e encarem o estudo da *Torá* como um fardo, é sinal que ainda não atingiram o nível ideal dentro do judaísmo! ■

פסק הלכה

אשר נשאלתי לחוות דעתי העני' דעת תורה בענין מנהג העישון סיגרים וסגריות וכו' אשר כידוע הם המזיקים הגדולים לבריאות הגוף. הריני לרצונכם בקיצור אמרים.

א. לשון הרמב"ם פי"א מהל' רוצח ושמירת הנפש ה"ה, הרבה דברים אסרו חכמים מפני שיש בהם סכנת נפשות וכל העובר עליהם ואומר הריני מסכן בעצמי ומה לאחרים עלי, או איני מקפיד על כך מכין אותו מ"מ.

ב. ובכלל הדברים מיני מאכל ושתי' שאסרו חכמים מפני ספק סכנת נפשות שחשבם שם הרמב"ם, ובריטב"א שבועות כ"ז כ' המאכלים המזיקים הגוף הם בכלל איסור תורה לאכלו משום השמר לך ושמור נפשך מאוד.

ג. ובחי' חתם סופר ע"ז ל' אחרי שהעתיק לשון רמב"ם הנ"ל כ' ומוטל על החכמים להשגיח על זה מקרא דברים י"ט והי' עליך דמים ע"פ ש"ס מו"ק ה', דאם לא השגיחו חכמים ע"ז וכיו"ב שאז כל הדמים שנשפכו ע"י שלא עשו או שלא הזהירו ע"ז מעלה הכ' עליהם כאילו הם שפכו ח"ו. ד. ולענייניו למדנו דעל חכמי הזמן להריע ולעורר על הסכנה העצומה המונחת בעישון סיגריות וכו' דבר שנתברר בחקירה ודרישה למעלה כל ספק שמאות אלפים מתים טרם זמנם בעישון סיגריות, וכן ידוע מאוד שגורם גדול למחלה החמורה בריאות וגם בלב, ועוד הרבה כיו"ב, כאשר יוצא מדו"ח הרופאים מכל מדינות העולם.

ה. ע"כ ברור להלכה דאיסור גמור להתחיל בעישון בימי הבחורות וגיל צעיר, ועל ההורים ומורים ומחנכים מוטל חוב גמור ע"פ התורה למנעם מזה.

ו. כל מי שכבר הרגיל עצמו למנהג לא טוב הזה, ישתדל מאוד למען עתידו לרדת מזה בהדרגה ואז טוב לו.

ז. חלילה לעשן במקומות ציבורים שגם הריח בעצמו הוא מזיק גמור כאשר נתברר בחקירה. ח. היות שכאמור המנהג הרע הזה הוא מזיק עצום, לכן מוטל אחריות גדולה על המפרסמים מודעות כעתונים וכו' שמסייעים לדבר המזיק הנ"ל.

ט. לאור הדברים החמורים האמורים למעלה, כל היכול למנוע עצמו שלא לעזור למעשנים, מחויב לעשות כן עפה"ת.

כל השומע לדברינו ישכון שאנן ובוטח ויזכה להאריך ימים בשמרו על נפשו ונפש משפחתו וסביבו עפה"ת - ויזכה להבטחת תוה"ק כל המחלה וגו' לא אשים עליך כי אני ה' רופאך - ולמען ירבו ימיך ויוסיפו לך שנות חיים.

ע"ז בעה"ח למען טובת עמינו הק' מצפה לרחמי ה'

שמואל הלוי ואזנר, רב אב"ד ור"מ זכרון-מאיר, בני-ברק

Pessac Halachá Sobre o Fumo

R. Shemuel Halevi Wozner

Veredicto religioso e apelo do Rabino Shemuel Halevi Wozner zt”l, autor dos livros “Shevet Halevi”

B”H, dia 4, *Parashat Bô*, 5760.

Fui solicitado a emitir minha humilde opinião, baseada na *Torá*, a respeito do costume de fumar cigarros, charutos, etc., que sabidamente são os grandes prejudicadores da saúde física. A seguir menciono resumidamente alguns tópicos:

1. O Maimônides, no capítulo 11, lei 5, das leis sobre os cuidados com a vida, diz: “Muitas coisas nos foram proibidas pelos sábios porque acarretam perigo de vida; e todo aquele que transgride e diz: “colocar-me-ei em perigo e os outros nada têm a ver comigo”, ou: “eu não ligo para isso”, deve-se infligir a ele a pena de *“macat mardut”*.”

2. Estão incluídos nisso vários tipos de alimentos e bebidas que os sábios proibiram, pela dúvida de perigo de vida, conforme mencionado por Maimônides. O *Ritvá*, no Tratado de *Shevuot* 27, escreve: “Os alimentos prejudiciais à saúde fazem parte da regra de “cuida-te e cuida muito de tua alma”, e por isso são proibidos.

3. O *Chatam Sofer* (77, 30), depois de transcrever a linguagem do Maimônides citada acima, diz: “Cabe aos sábios a responsabilidade de supervisionar isso, conforme consta em *Devarim* 19 ‘e tu serás culpado pelo sangue’, conforme explicação do Tratado de *Moed Catan* 5. Se os sábios não cuidarem disso, todo o sangue derramado por descuido, negligência ou falta de admoestação, será considerado pela *Torá* como tendo sido derramado pelos próprios sábios, *chas veshalom*.”

4. Retornando ao nosso assunto, aprendemos que é dever dos sábios advertirem veementemente e despertarem o público para o grande perigo que é atribuído ao fumo, cujo tema já foi esclarecido em pesquisas e investigações. Segundo estas, sem sombra de dúvida, centenas de milhares de pessoas morrem antes do tempo por causa do fumo. Também é conhecido que o fumo causa doenças gravíssimas no sistema cardiorrespiratório e muitas outras enfermidades, conforme podemos constatar nos laudos médicos em todos os países do mundo.

5. Portanto, está claro que pela *halachá* é totalmente proibido começar a fumar na adolescência e juventude, e pela *Torá* é de total obrigação dos pais, educadores e professores coibir os jovens desse ato.

6. Todo aquele que já possui esse mau hábito deve, para seu próprio bem, esforçar-se, empregando toda a sua energia e diligência para sair disso paulatinamente – e isso ser-lhe-á muito benéfico.

7. De modo algum deve-se fumar em locais públicos, já que a fumaça em si é muito prejudicial, conforme concluído em pesquisas.

8. Sendo que, conforme descrito, esse mau costume é altamente prejudicial, recai total responsabilidade sobre aqueles que fazem propaganda, como os meios de comunicação, que apóiam esse mal.

9. À luz de todos os sérios fatos descritos acima, todo aquele que pode evitar de incentivar os fumantes, é obrigado a fazê-lo pelos princípios da *Torá*.

Todo aquele que nos der ouvidos, terá uma vida tranquila e segura e terá o mérito de vida longa, cuidando de sua alma e das almas de seus familiares e próximos conforme a *Torá*. Terá a garantia da nossa sagrada *Torá* que “toda a doença ... não darei a ti, pois Eu, *Hashem*, sou teu Médico” e “a fim de que se multipliquem teus dias e sejam acrescentados anos de vida”.

Aponho minha assinatura para o bem de nosso povo sagrado.

Esperando pela piedade de *Hashem*,

Shemuel Halevi Wozner

Rosh Yeshivat Chachmê Lublin, Rabino e Chefe de Tribunal

Zichron Meir – Benê Berak – Israel

Alguns Cuidados com as Bênçãos

O Procedimento Adequado com as Bênçãos

Rabino I. Dichi

Alimentos muito quentes ou muito frios

Uma vez que não se deve interromper, nem mesmo ficando em silêncio, entre a berachá e o ato de introduzir o alimento na boca, não se deve recitar uma berachá sobre algum alimento muito quente ou muito frio, pois o indivíduo não poderá introduzi-lo imediatamente na boca após recitar a berachá e conseqüentemente terá feito uma interrupção.

Se entorna o líquido antes de beber

Quem costuma entornar um pouco de líquido do copo antes de beber, deverá fazê-lo antes da berachá, porque se o fizer entre a berachá e ato de beber, além de estar fazendo uma interrupção, estará também desprezando a berachá.

Verificação de vermes

Se houver dúvida a respeito da existência de algum verme em alguma fruta, esta deverá ser partida para verificação antes da berachá. Uma vez constatado de que está apta ao consumo, antes de pronunciar a berachá, junta-se as duas partes para que fique como inteira, pois é mitsvá fazer berachá sobre a fruta inteira.

Quando se tem certeza de que a fruta esteja livre de vermes, deve-se recitar a berachá sobre ela ainda inteira. Nesse caso, não é considerado interrupção entre a berachá e o partir.

Frutas sem casca

Quando quiser comer uma fruta sem a casca, o indivíduo deve descascá-la primeiro e conservá-la inteira e então recitar a berachá.

Frutas secas e sementes como, pistaches, nozes, avelãs, amêndoas, sementes de abóbora e girassol devem ser descascadas antes de pronunciarmos a berachá. Chocolates e balas devem ser desembalados antes de recitarmos a berachá.

Os líquidos devem ser vertidos no copo ou na xícara antes de pronunciarmos a berachá.

Não responder amen antes de começar a comer

Quando há muitas pessoas que estão comendo juntas – como por exemplo, quando cada uma recita a berachá sobre seu pão – não se deve responder amen sobre a berachá do próximo, enquanto não começar a comer sua própria fatia.

Se entre a berachá e o início de comer, o indivíduo ouvir Cadish, Ke-

dushá ou alguma berachá, não deverá responder amen. Porém, se tiver respondido, não deverá refazer a berachá.

Entre a berachá de Netilat Yadáyim e Hamotsi pode-se responder qualquer amen.

Recitar as berachot articulando os lábios e de maneira que seja audível a si mesmo

Deve-se recitar as berachot articulando os lábios e de maneira que seja audível a si mesmo. Caso não tenha ouvido, bediavad (após o fato) valeu. Entretanto, se apenas refletir (pensar) na berachá, sem se expressar verbalmente – proferindo suas palavras (articulando seus lábios) – a berachá não será válida, havendo a necessidade de pronunciá-la.

Requisitos para pronunciar uma bênção

O homem está proibido de pronunciar qualquer berachá ou mencionar qualquer assunto ligado com tefilá ou Torá, se não estiver com o órgão masculino coberto e com uma separação entre a parte superior e inferior do corpo. Esta separação pode ser feita até mesmo cruzando os braços no tronco, abaixo da região do coração.

Já em relação à mulher, mesmo que esteja sem roupa, ela poderá pronunciar

a berachá, desde que esteja sentada. Porém, é correto que a mulher casada cubra a cabeça antes de rezar ou de recitar qualquer berachá. Conforme as leis da Torá, a mulher casada deve estar sempre com os cabelos cobertos.

a) É proibido ao homem pronunciar qualquer berachá ou mencionar qualquer assunto de Torá, sem cobrir a cabeça. Caso tenha recitado a berachá sem kipá, não deverá repetir a berachá bediavad (após o fato).

b) Colocar a própria mão sobre sua própria cabeça não é considerado cabeça coberta.

c) Em caso extraordinário de não ter como cobrir a cabeça, poderá cobri-la com a manga de sua camisa.

d) Caso não tenha como cobrir a cabeça para recitar a berachá, pode pedir a um amigo que cubra sua cabeça com a mão dele.

e) Para recitar uma berachá, as mãos devem estar livres de sujeira e até mesmo de gordura.

Não se pode rezar a amidá com o peito descoberto e não se pode colocar os tefilin com o peito descoberto.

Ao pronunciar a berachá, deve-se segurar o alimento com a mão direita.

Conforme os ashkenazim, o canhoto deve segurar o alimento com a mão esquerda. Conforme os sefaradim, o canhoto deve segurar com a mão direita igual aos destros.

DETALHES GERAIS

Não fazer berachot desnecessárias

Devemos tomar cuidado para não fazer bênçãos desnecessárias, pois é considerado estar pronunciando o nome de D'us em vão, como se estivéssemos jurando em vão. Ao ouvir alguém pronunciando alguma bênção desnecessária, não se deve responder amen após esta bênção.

Devemos ter cuidado em não mencionar o Nome de Hashem em vão.

Se o indivíduo estiver em dúvida se pronunciou ou não alguma bênção, na dúvida nunca deve repeti-la.

Exemplo 1: Se o indivíduo começou a comer e não se lembra se recitou a bênção devida ou não, na dúvida não deverá repeti-la.

Exemplo 2: Se o indivíduo comeu o shiur de cazáyit ou bebeu o shiur de líquidos e não lembra se fez a bênção de Borê Nefashot, na dúvida não deverá repeti-la.

Não se lembra se recitou o Bircat Hamazon

Quando o indivíduo ingeriu uma porção de pão que o deixou satisfeito (shiur seviá) e não lembra se fez ou não o Bircat Hamazon, deverá repetir o Bircat Hamazon (caso não tenham se passado 72 minutos do término da refeição, vide cap. 8, parág. 43 e 44), pois neste caso, a sua obrigação é da Torá.

No caso de o Bircat Hamazon ser derabanan – como quando o indivíduo comeu apenas um cazáyit de pão – e ele não se lembra se recitou ou não o Bircat Hamazon, é correto que ele faça novamente netilat yadáyim (sem berachá), recite o Hamotsi e coma uma porção de no mínimo cazáyit, para poder fazer o Bircat Hamazon e livrar-se da dúvida.

No caso do parágrafo 30, que o Bircat Hamazon (deorayta) deve ser refeito na dúvida, os ashkenazim dirão as 4 bênçãos do Bircat Hamazon (ou seja, recitarão o Bircat Hamazon inteiro) e os sefaradim dirão apenas as 3 primeiras bênçãos sem pronunciar a última bênção do Bircat Hamazon que é o Hatov Vehemetiv.

As mulheres também têm a obrigação de recitar o Bircat Hamazon após consumirem no mínimo um cazáyit (27g em volume) de pão.

Caso a mulher não lembre se recitou o Bircat Hamazon, após ter ingeri-

do uma quantidade que a deixou satisfeita, na dúvida não deverá repeti-lo.

Os menores de 13 anos e as menores de 12 anos também precisam recitar o Bircat Hamazon, para poderem se acostumar com essa mitsvá e também para que possam fazê-la corretamente quando se tornarem bar mitsvá (completarem 13 anos) e bat mitsvá (completarem doze anos).

Um menor que comeu uma quantidade que o deixou satisfeito e não se lembra se fez o Bircat Hamazon, na dúvida deverá repeti-lo.

Quando um indivíduo ficar em dúvida se recitou ou não o Bircat Hamazon, após ter ingerido pão (no mínimo cabetsá) e outros alimentos que normalmente acompanham o pão, e sentir-se saciado – tanto pelo pão quanto pelos outros alimentos – deverá repeti-lo.

Porém, se o indivíduo ficar em dúvida se recitou ou não o Bircat Hamazon, após ter ingerido juntamente com pão alimentos que não costumam acompanhar o pão, e sentir-se saciado – tanto pelo pão quanto pelos outros alimentos, e não somente pelo pão – não deverá repetir o Bircat Hamazon.

Há quem sustente que há necessidade de sentir-se saciado unicamente com pão. Portanto, nesse caso, é recomendável voltar a comer pelo menos cazáyit de pão.

Não se lembra se recitou a Berachá Meen Shalosh

Há várias opiniões que sustentam que a berachá de “Meen Shalosh” seja deorayta. Por conseguinte, se um indivíduo comer uma das frutas sobre as quais a Terra de Israel é louvada (como: azeitona, tâmara, uva, figo, romã), ou comer mezonot e ficar satisfeito, e não conseguir lembrar se recitou ou não a Berachá Meen Shalosh, deverá comer novamente pelo menos o shiur de cazáyit para sair da dúvida. ■

Nossa Gente

Nascimentos

- Mazal tov pelo berit milá para as famílias: David Dichi e Joseph Menaged.
- Mazal tov pelo nascimento da filhinha para as famílias: Shai Sassoun e Shlomo Chammah.

No Berit Milá do filho de David Dichi



No Pidyon Haben do filho de Dawid Rosenblatt



Veja 18 fotos no Nossa Gente do Portal, www.revistanascente.com.br

• Mazal tov aos jovens benê mitsvá: Isaac Shalev, Levi Yitshak Leon, Yechiel Arye Leib, Yehuda Korich e Yossef Sutton.

No Bar Mitsvá de Yehuda Korich



Veja 29 fotos e 2 vídeos no Nossa Gente do Portal, www.revistanascente.com.br

No Bar Mitsvá de Yossef Sutton



 *Veja 24 fotos e 2 vídeos no Nossa Gente do Portal, www.revistanascente.com.br*

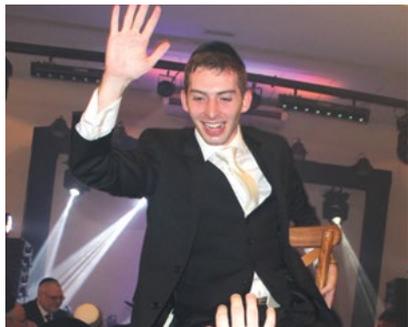
No Bar Mitsvá de Levi Yitshak Leon



Veja 24 fotos e 2 vídeos no Nossa Gente do Portal, www.revistanascente.com.br

- Mazal tov pelos noivados para as famílias: Dayan e Laniado (Avi e Mazal), Chouveke e Hazan (Rony e Miriam), Rahmani e Sonnenfeld (Ernesto e Melanie), Grankiewicz e Szajnbok (Aharon e Miriam), Harari e Laniado (Moshe e Mazal), Yehuda e Zeitoune (Yaakov Israel e Francis), Shakrouka e Mouadeb (Elico e Ruth), Cohen e Lichewitz (Eliyahu e Malka), Pusternak e Nowosiolski (Yair Mordechai e Miriam Margalit).
- Mazal tov pelos casamentos para as famílias: Khafif e Dayan (Johnny e Claire), Waknine e Dahan (Uriel e Anna Sarah), Sisro e Jacob (Rafi e Hadar), Stern e Rubinsztajn (Eliezer e Devorah Lea), Bedosa e Aker (Emanuel e Beatriz), Besser e Zajac (Israel Meir e Elke), Borer e Farberas (Yoni e Ester), Waintraub e Menache (Raphael e Ivi), Betesh e Menache (Nissim e Hava), Illoz, Kirschbaum e Zahav (Gabriel e Rachel), Leila e Lobato (Mauricio e Camile), Candi e Khafif (Joseph e Daniela), Barzel e Weinberger (Shia e Mimi), Rotenberg e Kamnitzer (Menachem e Rivka), Kaireh e Menache (Joseph e Alessandra), Benzaquen e Haim (Jessie e Noémie).

No Casamento de Yoni e Ester Borer



Veja 46 fotos no Nossa Gente do Portal, www.revistanascente.com.br

No casamento de Rafi e Hadar Sisro



Veja 27 fotos no Nossa Gente do Portal, www.revistanascente.com.br

Acendimentos de velas comemorativas em Lag Baômer na Congregação



 *Veja 31 fotos no Nossa Gente do Portal, www.revistanascente.com.br*



A Privilegiada

Esta é uma história que trata de corações, dedicação e lágrimas. Chaya Ita sempre teve de tudo para “viver feliz para sempre”, mas o que ela fez em vez disto? Para todos ela era uma “privilegiada”. Quanto ela conseguiu aproveitar de seus privilégios?

Chayim Walder

Quando Chaya Ita atingiu a idade de se casar, os casamenteiros apresentaram-se em apresentar-lhe os melhores rapazes, estudiosos e de famílias importantes. Eles sabiam que não adiantava apresentar um jovem comum de uma família simples. Ele deveria ser sábio como o *Gaon* de Vilna, descendente de pais ilustres como Yitschac *Avinu*, bonito como Yossef *Hatsadic* e virtuoso como Choni *Hameaguel*.

Claro! Chaya Ita era uma verda-

deira “privilegiada”. Seu pai não era ninguém menos do que *Reb Shaul*, o chefe da comunidade. Um homem honrado e sábio, que possuía *Torá* e nobreza. Chaya Ita era sua filha temporã, a menina dos seus olhos.

Diziam que Chaya Ita era a mais especial de suas filhas. Todos comentavam sobre a sua inteligência e a delicadeza dos seus gestos. Ela sabia tocar piano e costurava vestidos para ela e para suas irmãs. Tinha uma rara combinação, assim diziam, de

beleza, sabedoria e prendas do lar.

Casamenteiros entravam e saíam da grande casa de *Reb Shaul*. A maioria das ofertas era recusada imediatamente. A minoria era aceita para ser “estudada”. À minoria da minoria era dado o sinal verde para fazer a apresentação.

Porém, aquela minoria da minoria sempre era repelida, sem mais nem menos, pela própria Chaya Ita.

Um era repelido pela “pobreza de pensamentos”. Outro, por “ideias sem

lógica”. Um terceiro, por “aspirações não esclarecidas”. E outro, por “hesitação e falta de autoconfiança”.

Por incrível que pareça, os pretendentes de Chaya Ita também a recusavam. Mas suas razões eram diferentes. Um argumentou que a conversa com sua pretendente parecia uma entrevista, com dezenas de perguntas. Outro disse que Chaya Ita tinha ideias sólidas em todos os assuntos e não aceitava que se discordasse dela. Um terceiro recusou a oferta sem explicar o motivo. Outro elogiou muito a personalidade de Chaya Ita, mas acrescentou: “Procuro uma mulher. Não uma celebridade.”

No começo, *Reb Shaul* criticava os *shadchanim*. Dizia que eles não estavam se esforçando o bastante para trazer um rapaz digno para sua filha. Contudo, depois de alguns anos e dezenas de rapazes, *Reb Shaul* compreendeu que ele tinha um problema.

* * *

Na verdade, foi Menashke, o *shadchan* arrogante, que ousou dizer para ele:

– *Reb Shaul*, receio que sua filha esteja procurando por noivo algum *sêfer Torá* ou algum *amud* de *tefilá*. De outra forma, não compreendo o comportamento dela...

Menashke era o único capaz de falar uma frase destas para *Reb Shaul*. E para qualquer outro. Se havia alguém que tivesse coragem de dizer para um pai: “Seu filho é inteligente como uma tina de lavar roupa quebrada”, era Menashke, o *shadchan*.

Em todo caso, depois que Menashke disse suas palavras ousadas para *Reb Shaul*, este não o expulsou de sua casa nem discutiu com ele. *Reb Shaul* simplesmente disse:

– Acho que errei ao dar conhecimento amplo demais para minha filha. Seus argumentos contra cada

rapaz não me agradam. Para dizer a verdade, até eu às vezes digo a ela palavras como estas.

Somente então Menashke se lembrou para que tinha ido:

– Tenho para ela algo atrás do qual ela correria até a China! – declarou a frase que costumava dizer antes de todas as propostas. – Você conhece o importante *dayan* (juiz) de...?

* * *

Ela repudiou esta proposta também, assim como as que vieram depois. Os anos não diminuíram sua marcha e Chaya Ita ainda estava sem noivo.

Com o passar dos anos, as propostas de *shiduch* foram diminuindo, e o respeitável *Reb Shaul* viu-se correndo atrás dos *shadchanim* que outrora corriam para ele:

– E o filho de fulano? Ficou noivo? Verdade? E David, de tal cidade? É mais jovem que ela? E Yossef? E Moshê?

Reb Shaul percebeu que sua filha não permanecia com a mesma idade. Ela estava envelhecendo.

“Mestre do Universo”, ela ouviu seu pai suspirar, “o que será da minha filha querida? Será que nos foi decretado vê-la em nossa casa até que seus cabelos fiquem brancos?”

Ao ouvir isso, Chaya Ita sentiu estremeceu. Anos mais tarde descobriria que aquele foi o momento no qual aceitou que existia um problema.

* * *

Chaya Ita chegou aos 32 anos. As propostas já ofensivas tornaram-se insultantes.

Porém, logo esta preocupação também deixou de existir. Os últimos *shadchanim* deixaram de mostrar seus rostos na casa de *Reb Shaul*. So-

mente um persistiu com suas propostas ridículas – Menashke.

De vez em quando, Menashke passava para uma visitinha. Às vezes ele tirava do fundo de seus bolsos um papelzinho amassado com um nome. Outras vezes murmurava algo sobre um bom *shiduch* que ouvira falar em algum lugar no Ocidente. Mas os quatro sabiam que eram somente palavras.

Chaya Ita sabia que suas amigas já haviam comemorado o *bar mitsvá* de seus filhos. Agora, estaria disposta a casar-se com a maioria dos rapazes que repudiara. O que fazer? Ela nem tinha com quem falar sobre seu sofrimento. O que seria dela?

* * *

Um dia Menashke apareceu novamente. Desta vez ele não começou a dizer palavras cerimoniosas, como sempre. Somente disse:

– Bem, é isso! Foi encontrado o *shiduch* para Chaya Ita.

Chaya Ita, seu pai e sua mãe se reuniram em volta da grande mesa e esperaram o que Menashke tinha a dizer. Eles estavam emocionados. Menashke não costumava agir assim. Por isso, tinham certeza de que desta vez ele conseguira um *shiduch* verdadeiramente digno.

– Menachem Liber – disse Menashke.

– Liber?! Menachem?! Você certamente não está se referindo ao marceneiro instalador de vergas! – disse *Reb Shaul*.

– Exatamente ele. Espanto-me como não pensei nele até hoje. Ele é o homem adequado para Chaya Ita. Não há dúvidas quanto a isso. Ele é virtuoso. É um homem sério, pois ele...

– Mas Menashke – interrompeu-o *Reb Shaul* – você está pretendendo oferecer a minha filha um ignorante, um homem que não consegue esclari-



recer uma passagem de *Talmud* sequer?!

– Pois ele poderá sustentar sua própria família. Ele é um homem de bom coração, que não há igual. E é bem formoso, não é? Ele a carregará em seus braços e ela será feliz com ele.

Silêncio. Chaya Ita retirou-se para a cozinha, enquanto *Reb Shaul* tentava explicar polidamente a *Menashke* por que *Menachem Liber* não era adequado para Chaya Ita.

– Ele é realmente um ótimo homem – concordou *Reb Shaul* – e será um ótimo marido para sua esposa. Parece-me que ele participa dos estudos do *daf yomi* na sinagoga, mas...

Reb Shaul interrompeu sua fala. Ele ficou absorto em pensamentos e repentinamente exclamou:

– Você tem razão, *Menashke*! Não estou achando um bom motivo para me opor. Porém, tente convencer Chaya Ita.

Menashke dirigiu-se apressadamente para a cozinha e encontrou

Chaya Ita totalmente pálida. *Menashke* sabia que suas palavras seriam em vão. Ele estava certo de que Chaya Ita se encontrava além de qualquer convencimento. Era preciso algo que a chacoalhasse.

Menashke sentou-se e começou a descrever, com imaginação fértil, a vida maravilhosa do par feito no Céu – Chaya Ita e *Menachem*. Ele fechou os olhos e falou. Descreveu, pintou o futuro de cor-de-rosa. Durante muito tempo ficou sentado assim até que, finalmente, como se estivesse acordando de um sonho, abriu seus olhos e viu um sorriso no canto dos lábios de Chaya Ita. Um sorriso que ele interpretou como desprezo.

Então sua paciência esgotou-se e ele disparou a seguinte frase:

– Ouça! Muita escolha você não tem. Você tem que escolher entre casar-se com *Menachem Liber*, construir um lar, família, filhos, educação, *nachat* – e entre solidão, tristeza, silêncio amedrontador e perda de esperança. Esta é a sua situação. Será que você está entendendo?

Chaya Ita começou a soluçar.

– Pare. Eu lhe peço – disse *Reb Shaul*.

Menashke dirigiu-se apressadamente para a porta.

– Pararei – disse ele. – Mas saiba que esta é a sua última chance. Eu, em seu lugar, aceitaria me casar com... – *Menashke* procurou a palavra certa – com um pedaço de madeira! Você está ouvindo? Eu me casaria com um pedaço de madeira e não ficaria só!

A porta bateu e a chorosa Chaya Ita caiu nos braços de seu pai.

* * *

Menachem Liber era um rapaz simples. Muito jovem perdera seu pai e teve que começar a trabalhar. Tornou-se aprendiz de um velho instalador de vergas de janelas. Quando este aposentou-se, *Menachem* herdou o negócio. Em poucos anos tornou-se o instalador de vergas da maioria das casas que eram construídas na cidade. Além disso, fazia consertos e trocas das vergas das casas velhas.

Menachem era um homem forte. Seu rosto era simples e belo. Era um homem bom. Parece que os habitantes da cidade esqueceram-se de que ele era solteiro. Ninguém se dava ao trabalho de oferecer-lhe algum *shiduch*. *Menachem* tinha 31 anos, quatro anos mais novo do que Chaya Ita.

Foi arranjado um encontro. Chaya Ita fez-lhe algumas perguntas e ele respondeu laconicamente, como era seu costume. *Menachem* não perguntou nada. Ele disse a Chaya Ita que queria se casar com ela e que seria um mérito entrar em sua família. Acrescentou que sabia muito bem quais os motivos que a levaram a pensar em casar-se com ele. Ele sabia que não merecia, porém não mediria esforços para ser digno dela.

Ao final do encontro, Chaya Ita informou seus pais que se casaria com Menachem Liber.

Os três explodiram num choro de rasgar o coração.

* * *

Foi um casamento “alegre-triste”. Muitos barbados, colegas de trabalho de Menachem, estavam presentes. Eles dançaram, apesar de não conhecerem a arte de dançar. Conversaram na sua linguagem simples. Deram palmadinhas nas costas de *Reb Shaul* em vez de lhe apertarem a mão. E muito rapidamente se cansaram e cochilaram em suas cadeiras. Eram homens que trabalhavam duro.

Todas as amigas de Chaya Ita foram ao casamento. Eram mulheres abençoadas com vários filhos. A impressão era dualista. Por um lado, de lástima: “Que desperdício, que pena pelos bons anos perdidos”. E por outro, de alegria. Chaya Ita, para a qual todos profetizaram o grande dos grandes, finalmente encontrara um parceiro!

Menachem dançou alegremente o tempo todo. Ele agradeceu ao Criador pela bondade e pela parceira digna que lhe deu. Este foi o dia mais feliz de sua vida.

Chaya Ita, no entanto, sentia, no fundo de seu coração, que abrisse mão de tudo o que aspirara a vida toda. Ela via tudo aquilo como um grande sacrifício que fizera pelos seus pais. E talvez, pensava, por si mesma também.

Ao final do casamento, Menachem levou Chaya Ita para sua nova casa. Chaya Ita estava emocionada e um tanto temerosa. Ela o disse para Menachem. Ele apenas sorriu, no seu modo tranquilo de ser, e disse:

– Assim como todas as noivas, eu imagino.

* * *

A vida do casal entrou na rotina. Havia algo de trágico quando eles estavam juntos. Menachem reverenciava sua esposa com uma admiração sem limites, ao passo que Chaya Ita aceitava sua companhia como se isso fosse um raro ato de bondade. Ela tentava lutar contra esse sentimento. Porém, era-lhe difícil eliminar, de uma só vez, todas as aspirações, de tantos anos, de ter um marido sábio, refinado, intelectual e expressivo.

Menachem estava longe de ser sábio. É verdade que ele participava das aulas de *daf yomi* de forma fixa. Mas mesmo esta simples matéria era-lhe muito difícil. Menachem era um homem delicado. Porém nunca lhe ensinaram etiqueta e boa conduta. Antes de qualquer visita, Chaya Ita sempre lhe repetia algumas vezes como ele deveria se portar, e principalmente, como ele não deveria se portar. Menachem ouvia suas palavras em silêncio e agia de acordo com elas.

Ela nunca lhe perguntava sobre os seus estudos do *daf yomi*. Provavelmente não imaginava o quanto ele esperava que ela perguntasse, quão orgulhoso estava por sacrificar parte de seu tempo para estudar *Torá* e quão desapontado ficava com a indiferença dela pelo seu sacrifício.

Eles nunca conversavam sobre o seu trabalho. Chaya Ita preferia apagar aquilo de sua consciência. Menachem, com seus sentidos refinados, percebia isto. Às vezes, esquecia-se e deixava escapar:

– Você sabe, Chaya Ita, para quem instalei hoje verg...

De repente, lembrava-se e parava. O silêncio pairava no ar até que Chaya Ita começava um outro assunto, como se nada tivesse acontecido.

Havia dias quando Chaya Ita entrava numa depressão repentina. Ela nunca participava Menachem dos

seus detalhes. Menachem, porém, sentia e sabia muito bem o motivo. Naqueles dias, ele entrava em casa silenciosamente. Esforçava-se para não fazer barulho, querendo minimizar sua presença ao máximo.

Havia também momentos agradáveis, nos quais um espírito alegre caía repentinamente sobre Chaya Ita. Menachem perdia sua timidez e os dois sentavam e conversavam. Eram bons momentos, raros, que Menachem guardava bem fundo no seu coração para as ocasiões difíceis, que não faltavam.

* * *

Dois anos se passaram até que Menachem e Chaya Ita tiveram o mérito de ganhar um filho. Os nove meses que antecederam o nascimento foram muito difíceis para os dois. Chaya Ita sofria com estados de espírito que mudavam a toda hora. Menachem a confortava e respondia com calma às suas reclamações. Mas seu coração se apertava. Certa vez ele tomou coragem e disse a ela:

– Sabe de uma coisa, Chaya Ita? Nós dois somos seres humanos. Podemos dar um para o outro, alegrarmos juntos, admirar um ao outro. Você sabe o quanto eu a admiro? Você sabe que poderia encontrar muita alegria na sua vida se quisesse?

Os olhos de Chaya Ita encheram-se de lágrimas e pensou consigo mesma: “Ele não entende. Nunca compreenderá, coitado”.

No seu tempo livre, Menachem ocupava-se silenciosa e modestamente com atividades comunitárias. Com o passar dos anos, Menachem tornou-se um homem amado por todos. Praticamente não havia ninguém que não era ajudado por ele, ou que não conhecesse alguém que o era.

Todos amavam Menachem. “Um rapaz maravilhoso”, diziam sobre ele.

Mesmo depois de ter completado 40 anos continuavam a chamá-lo assim.

Menachem começou a ser chamado pelos rabinos, que lhe conferiam missões importantíssimas, segredos ligados com o bom andamento da comunidade. Sabiam que podiam confiar nele.

Todos admiravam sua simplicidade. Aquela que lhe trouxe tanto sofrimento em sua vida particular. Invejavam o paraíso que ele teria após a morte.

Quase todos o admiravam e reverenciavam-no. Quase todos.

Menachem continuava a respeitá-la, como no passado. Ainda falava com ela calmamente e aguentava heroicamente suas explosões, suas tolices.

Somente uma pessoa sabia de tudo: *Reb Shaul*. Ele conhecia muito bem sua filha e seu modo de pensar. Por isso, valorizava este genro muito mais do que os outros.

Reb Shaul amava Menachem com toda a sua alma. “Meu querido genro”, ele o chamava. Menachem percebia naquelas palavras aquilo que seu sogro não ousava dizer explicitamente.

* * *

Era um dia chuvoso. Menachem estava sentado no parapeito da janela no alto de um edifício, onde fazia serviços de marcenaria. Com seu forte braço esquerdo encostou bem a verga da janela. Com o direito segurou um martelo e preparou-se para bater com força em um dos pregos.

Algo deu errado. Menachem bateu com toda a força na verga, errou a pontaria e voou para baixo, aos pés do edifício.

Ouviu-se um fortíssimo baque. Seus funcionários foram ver o que acontecera e um grito saiu de suas bocas.

– Menacheem!...

Menachem foi levado ao hospital,

inconsciente e ensanguentado. Bastou uma breve espiada dos médicos para dizerem que suas horas estavam contadas.

* * *

Chaya Ita estava sentada àquela hora no jardim e assistia à sua pequena dando seus primeiros passos. Algo que a menina fez divertiu-a e ela deu gargalhadas. Estava se sentindo tão bem!

Subitamente, ela sentiu um movimento. Alguns homens parecendo funcionários procuravam alguém. Acabaram dirigindo-se a ela.

– Você é a esposa de Menachem Liber?

– Sim. O que aconteceu?

O homem hesitou.

– Houve um acidente – ele disse.

– O que aconteceu?! Diga-me... não esconda nada!

– Ele... caiu... do... edifício.

Chaya Ita soltou um grito de dor.

– O que aconteceu com ele? Diga-me! Não me tirem a alma!

– Ele está ferido... seu estado não está bom. É melhor apressarmos-nos.

Eles correram para o hospital. Ao chegarem, Chaya Ita percebeu os olhares dos médicos que transmitiam desesperança total.

– Levem-me até ele – chorou Chaya Ita. – Deixem-me entrar!

Ela foi levada para o quarto onde estava deitado seu marido ferido. Um tremor passou pelo seu corpo.

– Despeça-se dele – disse o médico. – Ele não viverá por muito tempo. Disse e fechou a porta atrás de si.

De repente, Chaya Ita sentiu medo. “Menachem vai morrer”, ela pensou. “Não pode ser! Ele não pode morrer”.

Subitamente, sentiu que seu mundo estava desmoronando. Ela olhou para o homem forte que jazia na cama, ferido e respirando com muita dificuldade.

– Nããão! – gritou.

– Você não pode morrer, Menachem. Veja. Sou sua esposa, Chaya Ita. Você tem que viver, Menachem. Está me ouvindo?

De repente, percebeu que todos aqueles anos vivera ao lado de um homem puro, de alma nobre e especial em suas virtudes.

Mas era tarde demais. Somente agora, depois de dez anos, compreendeu que seu marido era o melhor e mais especial homem que já conhecera.

“Eu sempre cheguei tarde demais”, pensou. “Sempre compreendi as coisas depois de terem ocorrido. Meu mundo é uma sucessão de sofrimentos que eu mesma criei. O que será de mim? O que será?”

Entre lágrimas, ouviu-se suplicando:

– Não morra, Menachem. Não morra. Somente agora sei que não merecia ser nem pó aos seus pés. Se você soubesse como eu gostaria de poder dizer-lhe isto...

Sua voz ficou histérica:

– Dê-me uma oportunidade, Menachem – ela soluçou. – Eu o compensarei por todos aqueles anos. Eu o admiro tanto! Perdoe-me! Eu não mereço seu perdão, mas...

Era um choro ferido de alguém para o qual não restou mais nada.

De repente, sentiu que não estava sozinha no quarto. *Reb Shaul* estava com ela. Seus olhos estavam fechados e lágrimas quentes molhavam sua barba branca.

Reb Shaul abraçou sua filha sem dizer nada. Somente chorou silenciosamente.

De repente os dois ouviram uma voz. Viraram-se para o homem fraco que jazia no leito. Ele estava tentando dizer algo, mas sentia muita dificuldade.

Eles se aproximaram de Menachem. Chaya Ita chegou-se até a cabeça de seu marido ferido e ouviu-o sussurrar:

– Eu a ouvi... Chaya Ita. Eu a ouvi... e juro... meu ferimento... é uma bondade... dos Céus...

– Ainda... não é tarde... – ele acrescentou com dificuldade. – D’us... nos... dará... a força... Chaya Ita. Começaremos... tudo de novo.

Ela acompanhou seus filhos até a rua, como costumava fazer toda manhã. Suas amigas já tinham acompanhado seus filhos para a chupá, mas Chaya Ita ainda acompanhava seus pequenos filhos para a escola.

Ouviu suas reclamações com o coração apertado:

– Mamãe, não aguento mais andar a semana toda com as mesmas calças!

– Mamãe, por que não viajamos como a família do Eliyáhu?

– Já chega de reclamações por esta manhã! – gritou ela, arrependendo-se imediatamente ao ver a carinha de seu filho de oito anos.

– Desculpe-me, Yossi – disse. – Estou um pouco nervosa esta manhã.

Despediu-se deles com um aceno e, logo que sumiram de vista, desabou sobre um banco, esforçando-se para não chorar. Ela bem sabia que não somente naquele dia estava nervosa. Meio ano de tensão se passara desde aquele dia amaldiçoado, quando Menachem caíra do edifício, escapando por pouco da morte. Desde então, ele passava os dias deitado, sem poder trabalhar. Chaya Ita cuidava dele com dedicação, querendo compensar os anos que o tratara com desprezo. Menachem percebera sua mudança de atitude e estava feliz. Ah, se ela pudesse voltar o tempo!...

Já na semana que se seguiu ao acidente, Chaya Ita deparou-se com a primeira dificuldade: chegaram al-

gumas contas para serem pagas. Ela nem sabia de onde tirar o dinheiro para pagá-las.

Como filha mimada, sempre recebeu dinheiro do bolso de seu pai e, mais tarde, do bolso de seu marido. Agora, percebeu que o bolso não se enchia sozinho. Verificou as economias bancárias de Menachem e descobriu que não durariam para sempre.

Na semana seguinte: mensalidade escolar, conta de luz, de água, imposto predial... Tudo isso caiu sobre sua cabeça. Só agora ela compreendia quão ingrata fora para com aqueles que a carregaram nos braços – seu pai e seu marido.

Os meses foram passando e as economias minguavam rapidamente. Chaya Ita começou a diminuir seus gastos.

Ela não tardou a descobrir que tornara-se pobre. Muito pobre. Seu pai já estava muito velho, e seu marido, incapacitado. E havia o caríssimo tratamento de Menachem. Chaya Ita viu-se sozinha com cinco filhos e sem esperanças.

Às vezes, sentia vontade de se levantar e tentar enfrentar a situação, mas logo o desespero e o desânimo a dominavam. Nada poderia diminuir seu sofrimento, a não ser a morte. Mas um milagre desses não lhe aconteceria.

* * *

Certa manhã, Chaya Ita foi ao banco para depositar uma pequena quantia de dinheiro que havia juntado. Era o primeiro dia do mês e o banco estava cheio. Enquanto esperava na longa fila, dois homens mascarados e armados entraram no banco, atiraram para cima e gritaram:

– Isto é um assalto, mãos ao alto!

Os bancários levantaram as mãos e os clientes deitaram-se no chão, tor-

cendo para que tudo acabasse bem.

Os assaltantes esvaziaram os caixas e depois ordenaram aos clientes:

– Façam uma fila e segurem as carteiras. Quando passarmos com o saco, joguem suas carteiras dentro dele! Está claro?

As carteiras foram caindo dentro do saco. Às vezes, os bandidos arrancavam as jóias de alguma mulher.

Chaya Ita esperava deitada sem saber o que fazer. O dinheiro de sua carteira era o único meio de subsistência que ela e seus filhos possuíam. Lágrimas a sufocavam, enquanto sentia algo mais: fúria. Fúria terrível frente àquilo que estava acontecendo.

O bandido chegou até ela:

– O dinheiro!

Chaya Ita não se mexeu.

– O dinheiro ou a vida – disse o bandido.

Chaya Ita decidiu pelo mais absurdo: não daria o dinheiro. Não importava o que pudesse acontecer.

– Você vai me dar essa bolsa ou não? – berrou o ladrão, tentando puxar a bolsa de seu ombro. Com aquele gesto, acabara de acender nela todo o fogo que a queimava havia alguns meses.

Naquela situação, Chaya Ita parou de raciocinar e, fora de si, passou a agir por instintos. Ela pulou em cima do bandido como um animal ferido e tomou-lhe a pistola. Então, apontou-a para o outro bandido, que também apontava sua arma para ela.

– Jogue a arma! – gritou ela. – Já!

– Jogue-a você! – disse o bandido.

– Vou contar até três antes de atirar em você... jogue-a!

– Por favor, atire em mim – disse Chaya Ita. – Já perdi o gosto pela vida. Com minha morte, farei uma boa ação atirando em você.

– Jogue a arma, é sua última chance! – gritou o bandido. – Um... dois... três!...

Mas ele resolveu não arriscar a própria vida. Jogou a arma, sendo imediatamente dominado por homens fortes. Em dois minutos, policiais chegaram e levaram os bandidos, enquanto os bancários devolviam o dinheiro aos clientes.

– Já pode abaixar a arma, senhora. – Chaya Ita ouviu uma voz tranquilizadora ao seu lado. – Com cuidado, por favor. Sem pânico. Você ainda está apertando o gatilho. Agora está tudo terminado. A senhora perdeu o controle de si, mas acabou tudo bem. Agora já pode se acalmar.

Chaya Ita jogou a arma, atirou-se sobre uma cadeira e explodiu em lágrimas amargas.

O gerente do banco e vários clientes foram lhe agradecer:

– Você é uma ótima atriz. Quando disse “não me importo em morrer”, quase nos convenceu de que falava sério. Como conseguiu?

Alguns funcionários deram-lhe um copo d’água. Só depois de tomar um gole, ela percebeu o que acontecera e sentiu vergonha.

O gerente do banco anunciou cerimoniosamente que cancelaria todas as suas dívidas e que lhe daria mais crédito.

Chaya Ita deixou o banco e dirigiu-se para casa, esperando que sua façanha não se espalhasse. De repente, percebeu que estava sendo seguida. Ela apertou o passo, e assim fez seu perseguidor. Finalmente, ela parou e virou-se, desafiando-o:

– Posso saber por que está me seguindo?

O perseguidor, uma senhora de idade, não se intimidou:

– Meu nome é Guita Reizl e moro aqui nas redondezas. Gostaria de trocar algumas palavras com você.

As duas sentaram-se num banco.

– Não a conheço – começou a se-

nhora – mas conheço muitos iguais a você. Pessoas que perderam a vontade de viver, e pior: rondam por aí desejando a morte.

– Não sei sobre o que a senhora está falando! – Chaya Ita fingiu ofender-se. – A senhora acreditou no que eu disse ao bandido?

– Acreditaria nisso mesmo se você não lhe tivesse dito. Em seus olhos vislumbrei a falta de medo e sua profunda desesperança.

– O que você quer de mim? – indagou Chaya Ita, logo se arrependendo. – Perdoe-me pela grosseria, mas não tenho mais forças.

– A vida dá muitas voltas – disse a mulher – e nós nunca sabemos o que nos espera na próxima curva. Não quero me intrometer em sua vida. Presumo que uma grande preocupação pesa sobre você, algo que exige um confronto diário. A maioria das pessoas vê alguns bons resultados em suas vidas. Mas você sente que não há futuro algum e que não há para que viver. Estou certa?

Chaya Ita consentiu com a cabeça lentamente.

– Na época do Holocausto – continuou a mulher – houve pessoas que perderam tudo o que tinham na vida: seus pais, nove irmãos, marido, cinco filhos. Tente penetrar na mente de uma pessoa assim. Sem amigos, conhecidos ou parentes. Para que viver? Você consegue encontrar um motivo?

Chaya Ita meneou a cabeça negativamente.

– Mas apesar disso – continuou a senhora – uma dessas pessoas continuou a viver, não porque quis, mas porque não podia tirar sua própria vida, que continuava a fluir. Ela veio para Israel, casou-se de novo, deu à luz cinco novos filhos, educou-os, eles se casaram, nasceram os netos... e assim, cinquenta anos depois, ela se en-

contra cercada por uma família muito maior que aquela que perdeu, desfrutando de muitos prazeres e alegrias em sua vida. Você compreende o que quero dizer com as “curvas da vida?”

– Essa pessoa... é você – disse Chaya Ita.

– Realmente – disse a mulher. – Hoje, tremo ao pensar naqueles momentos de fraqueza, quando desejava morrer. Quão ingrata eu seria para meu Criador, e quanta coisa perderia, sem mesmo saber. Mas você tem uma vantagem sobre mim.

– Qual é?

– Eu era somente uma mulher jovem e temerosa. Você tem caráter. Eu, por exemplo, não seria capaz de enfrentar um bandido daquela forma, mesmo se quisesse morrer. E você fez isso com tanta resolução e firmeza que, se usá-la para a sua reabilitação, deixará todos para trás.

– Você... acha mesmo? – gaguejou Chaya Ita.

– Tenho certeza disso. Vá agora e segure as rédeas de sua vida. Você parece uma mulher de fé, como eu. Volte para sua fé, confie em D’us, que a fará trilhar pelo caminho certo; apenas trilhe-o. Isso é tudo.

Elas se entreolharam.

– Obrigada pelas suas palavras – disse Chaya Ita. – Elas serão de grande valia.

Chaya Ita Levantou-se do banco resoluta e caminhou depressa para casa, com uma nova decisão: “Se Menachem conseguia sustentar a casa sem reclamar, eu também posso! É verdade que não sou capaz de montar vergas para janelas, mas tenho outros talentos!”

Houve ainda outra decisão: ela reabilitaria seu marido. Iria tirá-lo de seu leito de invalidez e o faria retornar ao trabalho. É verdade que os médicos conversaram com ela sobre

a difícil situação de Menachem, mas nada resiste à vontade – e a Chaya Ita nunca faltou força de vontade.

* * *

Ela preparou o almoço para seu marido e levou-o até a cama. Colocou a colher em sua mão e sussurrou:

– Coma sozinho, querido.

Menachem olhou para ela e disse:

– Não consigo.

– Tente.

Menachem começou a trazer a colher vagarosamente até sua boca. A colher caiu e seu conteúdo espalhou-se sobre seu robe. Ele dirigiu a ela um olhar infeliz, mas ela disse:

– Não foi nada, tente de novo!

Menachem tentou e tentou. Depois de todas as tentativas, o conteúdo do prato estava em todos os lugares, exceto em sua boca.

Chaya Ita não desanimou. Preparou o almoço novamente.

– Tente levar à boca ao menos uma colherada e eu lhe darei o resto.

Depois de três tentativas infrutíferas, Menachem finalmente conseguiu colocar a colher em sua boca. Olhou para ela um tanto humilhado, mas ela reagiu com uma salva de palmas. Pegou a colher e deu-lhe de comer todo o resto, explicando que não o estava desprezando, que D'us não o permitisse; mas estava orgulhosa pelo seu feito. Se ele conseguiu fazê-lo, não havia motivos para que, no dia seguinte, não levasse duas colheres até a boca.

Depois do almoço, Chaya Ita sentou-se e escreveu vários anúncios: “Professora de piano interessada em dar aulas. Para mais detalhes...”

Depois pendurou os anúncios pelo bairro. Voltou para casa e contou a Menachem seus últimos feitos, com orgulho:

– Menachem, a época ruim que tivemos entre nós não existe mais. Agora eu o valorizo e respeito sua

personalidade. Uma nova mulher está nascendo dentro de mim. Uma verdadeira mãe, e não uma menina mimada. É difícil para mim, Menachem, e também para você. Mas juntos iremos superar todas as dificuldades e seremos o casal mais maravilhoso do mundo!

Os olhos de Menachem encheram-se de lágrimas. Sua situação o impedia de expressar-se com palavras, mas bastava olhar para o seu rosto para entender o que sentia naquele momento.

Em poucos dias Chaya Ita conseguiu algumas alunas particulares. Alugou uma máquina de costura e logo sua casa encheu-se de clientes satisfeitas.

Finalmente, as economias bancárias tornaram a aumentar. Enfim, pôde comprar um novo par de calças para seu filho e preparar refeições mais dignas.

Entrementes, não abandonou sua primeira missão – a de reabilitar seu marido. Quanto ao almoço, já o acostumara a comer sozinho. Agora ela trabalhava com ele em uma caminhada em volta da casa e no desenvolvimento de seus músculos atrofiados. Menachem sentia muita dificuldade e tentava mimar-se. Mas em matéria de teimosia e devoção a um objetivo, não havia ninguém como Chaya Ita. Ela o obrigava por um lado, e estimulava-o por outro:

– Eu poderia ter pena de você e deixá-lo ficar deitado na cama o dia inteiro. Aí sim eu seria cruel. No entanto, veja o quanto progrediu. Você come sozinho, já podemos conversar, posso me aconselhar com você... Não acha que o esforço vale a pena?

Menachem sentia que sim, e como. Mais do que as dificuldades da paralisia, fora-lhe difícil lidar com a depressão que sentia. Quando ainda

não podia sair da cama, impotente, sentia que mesmo o menor de seus filhos o olhava com pena, como se fosse um bebê. Ele sabia que sua esposa tinha razão, mas era tão difícil...

Chaya Ita revelou um tino comercial surpreendente. Contratou algumas costureiras e aumentou seu negócio. Fez isso para aumentar os lucros da família e, principalmente, para poder se dedicar à sua verdadeira obsessão: reabilitar seu marido. Ela lhe preparava um programa diário rígido e detalhado, que começava ao amanhecer, quando Menachem colocava o *teflin* – sozinho. Depois do café da manhã, ginástica, exercícios de fala, caminhada por uma trilha que aumentava dia a dia, almoço, estudo com as crianças acompanhado de exercícios de memória, descanso e caminhada até a sinagoga para assistir a alguma aula. Duas vezes por semana visitava especialistas, que se assombravam com seu progresso.

Um ano depois do acidente, Chaya Ita arranhou para o seu marido um emprego de meio período em uma indústria. O gerente não queria aceitá-lo, mas compreendeu rapidamente que seria mais econômico aceitar um inválido como empregado a perder seu precioso tempo com aquela mulher que o incomodava toda manhã.

Menachem trabalhou a contento dos seus superiores e, graças à sua personalidade especial, passou a ser querido por todos os funcionários. Pouco a pouco, passou a trabalhar em período integral.

Nos últimos tempos, passara também a entender o que ouvia nas aulas da sinagoga. Menachem voltara a si.

* * *

Certo dia, depois do almoço, Menachem comunicou a sua esposa e filhos:

– Amanhã irei trabalhar com janelas.

Silêncio. As crianças olharam para ele incrédulas.

– Falei com o empreiteiro Miller. Ele me disse que há um edifício precisando de conserto. Conversei com o operário Yoske e ele concordou alegremente em trabalhar comigo. Sob uma condição.

– Qual? – indagou Chaya Ita, pensando: “quanto isso irá nos custar”.

– Que eu não toque nas janelas a partir do segundo andar.

Menachem não repetiu o discurso que Yoske lhe fizera ao ser contratado por ele: “Eu trabalharei com você e não me importa quanto receberei! Sofri muito depois de sua queda. E você não imagina o quanto está fazendo falta para o nosso ramo. Todos perguntam por você. Quando você trabalhava, todos eram obrigados a trabalhar com honestidade. Do contrário, não teriam chance de concorrer com você. Mas desde que nos deixou, muitos passaram a fazer trabalhos mal feitos e não confiáveis. Todos estão esperando por você, Menachem!”

Yoske dera um poderoso tapa nas costas de Menachem e, apesar de ser um velho e duro operário, explodira em lágrimas: “Seu tolo! Você ainda pergunta se eu concordo em trabalhar com você? Acaso sabe o quanto senti sua falta?”

A notícia da volta de Menachem ao trabalho espalhou-se por toda a cidade. A firma de Miller encheu-se de empreiteiros, carpinteiros, pedreiros e funileiros, muitos concorrentes que há anos não sentavam juntos. Todos foram assistir àquela maravilha e, principalmente, fazer a bênção sobre um copinho de aguardente. A quantidade de tapas que Menachem tomou nas costas poderia levar um edifício abaixo. Mas ele só se sentia mais forte, a cada tapa.

Naquele dia, Menachem voltou para casa tarde da noite, como era seu costume antes do acidente. As crianças já estavam dormindo. Chaya Ita estava ocupada em sua máquina de costura. Menachem sentou-se ao seu lado e ficou observando-a. Ela interrompeu seu trabalho.

Muitas palavras poderiam ser ditas, mas elas só estragariam aquele momento. Em vez de palavras, vieram as lágrimas.

Durante muito tempo ficaram sentados, chorando em silêncio, tentando digerir tudo o que lhes acontecera, tudo o que mudara.

– Será que posso lhe agradecer por uma coisa? – perguntou Chaya Ita em meio às lágrimas.

– Você acha que precisa me agradecer? Você, por cujo mérito pude me recuperar, com a graça de D’us, de uma situação sem esperanças?

– Chegou a hora de agradecer-lhe – disse Chaya Ita – por ter aceitado viver comigo durante todos aqueles anos, enquanto eu estava cega, sem enxergar o quanto você é especial. Obrigada por ter aguentado em silêncio um sofrimento que supera em muito este último ano e meio. Quanto à recuperação, não agradeça a mim. Nada mais fiz do que tentar imitar sua dedicação para comigo ao longo dos anos, sem nenhuma gratidão de minha parte. Nada mais fiz do que retribuir-lhe um pouquinho do que você fez por mim.

– Você se engana, Chaya Ita – retrucou Menachem. – Eu nunca teria sucesso na recuperação sem você. Nos tempos em que nossa relação era difícil, eu me perguntava: “Por que ela não amolece? Por que não fica um pouco flexível?” Nunca obtive resposta. Mas então aconteceu o acidente e passei a receber a resposta dia após dia. O D’us benevolente explicou-me,

a Seu modo, que estas qualidades também são boas e construtivas. Justamente aquelas qualidades que eu não era capaz de compreender – sua intransigência e severidade – foram as que me salvaram. O bom D’us, que nos vigia lá de Cima e conhece nossos destinos, sabia o que estava fazendo. Será que eu poderia desejar um casamento melhor? Acaso você sabe o quanto estou feliz?

– Bem, nem sempre foi assim, Menachem. Nos meses que se seguiram ao acidente eu fiquei desesperada. Mas um fato e uma mulher mudaram minha vida e fizeram com que eu aproveitasse o lado bom de minha personalidade difícil.

– Sobre o que você está falando?

Chaya Ita contou sobre o assalto ao banco e sobre sua resistência. Menachem ficou assombrado. Nunca imaginara que sua mulher, forte e decidida, estivera numa situação de desânimo e desesperança. Chaya Ita contou-lhe também sobre aquela senhora que mudara sua vida.

– Essa Senhora Guita – disse Menachem – não é aquela que trouxe suas filhas para fazerem vestidos com você?

Chaya Ita sorriu e acenou com a cabeça.

– Maravilhosos são os caminhos de D’us – disse Chaya Ita. – O que uma “privilegiada” como eu teve que passar para sentir a plena felicidade!...

– Existe algo assim? Plena felicidade? – indagou Menachem.

Não ouviu resposta. Olhou para sua esposa e percebeu que ela adormecera, enquanto seu rosto ostentava o mais calmo sorriso que ele vira em toda a sua vida.

**Tradução de Guila Koschland Wajnryt.
Permissão exclusiva para a NASCENTE.**

Pensamentos

A diferença entre perseverança e teimosia é que a primeira frequentemente provém da força de vontade e a outra, da vontade da força!

O que a luz do Sol representa para as flores,
o sorriso representa para a humanidade!

Não há doença maior que perder a esperança.
(Rabi Yisrael Salanter)

O verdadeiro amigo é aquele que sabe tudo sobre você
e mesmo assim o ama.

Existem duas maneiras de fracassar:
agir sem pensar... ou pensar sem agir.



Leilão de Lag Baômer

No último mês de maio, no dia 18 de Iyar, comemorou-se *Lag Baômer*, o dia da *hilulá* – o dia do falecimento – do grande sábio *Rabi Shim'on Bar Yochay zya"á*. É um dia especial para o Povo de Israel, que marca a revelação de muitos segredos da *Torá* por *Rabi Shim'on zBar Yochay*.

Entre as comemorações do dia, os alunos da Yeshivá Maguen Avraham participaram de um leilão, que deu direito aos vencedores acenderem velas em memória de grandes sábios do povo de Israel – que seu mérito nos proteja.

Foi um leilão diferente! Em vez de os lances serem feitos em valores monetários, foram feitos com “folhas do *Tal-*

mud”. Os alunos fizeram lances comprometendo-se a estudar um certo número de folhas de *Guemará* durante o ano.

Foram leiloadas 16 velas, e os alunos contemplados com o seu acendimento foram: Yitschac Hazan (2.000 folhas), Mordechai Vital (1.500 folhas), David Furmanovich (1.300), Yitschac Peres (1.270), Moshê Benamor (1.200), Efráyim Ishay Laniado (300), Yaacov Harari (500), Meyr Avraham Siro (500), David Majtlis (600), Israel Harari (700), Avraham Cohen (700), Avraham Dana (750), Efráyim Korich (200), Eliyahu Passy (280), Ariel Grosmann (260) e Eliyahu Hamoui (200).

O total de folhas oferecidas foi 12.260, equivalentes a quatro vezes e meia todo o *Talmud Bavli*!



P A L A V R A S
C R U Z A D A S

Artigo definido →		Símbolo de neônio →		2º convidado a ler na Torá →				
		Ouvir (inglês) ↓		Óvni (inglês) ↓				
Comemora-se no mês de kislev →							Abreviatura de rua →	
					Mulheres ←			
					Que me serve, me interessa →			
↑ Símbolo de enxofre				N ↑				
Ceder →				Frango (hebraico) →			Amatlay bat Carnevô em relação a Avraham	
					Membranas presente nos olhos →			
					Relativo ao ar ←			
		Um dos filhos de Yacov →				Se (inglês) ↑		
		Solitário ←				Costume, hábito ↓	Símbolo de céσιο →	
		Símbolo de térbio ←					Símbolo de níquel →	
		Símbolo de urânio →		Alcoólatras anônimos ↑	Abreviatura de número ↑		Capital da Síria ↓	
↑ Vaiair (inglês)	"A (?) salva da morte" ↑				Vermelho (hebraico) ↓			
	Haran faleceu na cidade de →							
				Conceder →				
				País Europeu ↓				Estado norte americano ↑
						Sobre (inglês) ←		Sigla de Polícia Militar ←
								Símbolo de cobalto ↓
						Para →	Filho do rei ↑	
						Símbolo de molibdênio ←	Símbolo de carbono →	
				Repulsa, repugnância →				
				Luminosidade refletida da lua ↓				
						Aqui →		
						Símbolo de lutécio ←		Espelho (hebraico) ↓
						Exprime surpresa, espanto (interjeição) ←	Sigla do Estado do Acre ↑	
							Um (inglês) ↓	
						Símbolo de ampère-espira →		
						Peixe (hebraico) ←		
						Um anfíbio ←		
						Eu (hebraico) →		

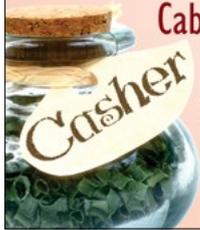


Rosh Yeshivat Ner Yisrael em Baltimore.
Autor do livro Avodat Levy.
Rav Yaacov (?) zt"l

Os produtos e estabelecimentos
casher anunciados não são de
responsabilidade da revista

NASCENTE

Cabe aos consumidores
indagar sobre a
supervisão rabínica



PARIS condomínios

Administração de Condomínios
Administração de Carteiras de Locação
Locação e Vendas

*Garanta uma elevação na qualidade
e redução nas despesas da administração
de seu condomínio!*

Av. Cásper Líbero 58/12º and. (11) 3228-4455
www.admparis.com.br



VOCÊ É SEFARADI?

VOCÊ GOSTARIA DE TER UM
PASSAPORTE EUROPEU?

Com passaportes europeus você e
seus filhos poderão residir,
trabalhar ou estudar em qualquer
um dos 28 países que integram a
União Europeia.

Não é necessário provar origem
portuguesa ou espanhola para isso.

Fazemos todo o assessoramento para
a obtenção de nacionalidade
portuguesa para sefaradim.

Representante em São Paulo:

55 11 98313-1118

55 11 3661-4399

contato@sefaradim.com.br



Visite nosso site: www.sefaradim.com.br

Datas & Dados

Sivan

5779

04 de Junho de 2019 a

03 de Julho de 2019

ROSH CHÔDESH

Terça-feira, 4 de junho.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Halel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

TACHANUN

Não se recita Tachanun
nos 12 primeiros dias de sivan,
até 15 de junho, inclusive.

SHAVUOT

Domingo e Segunda, 09 e 10 de junho.

Recita-se o Halel completo nos dois dias.

Shavuot comemora o majestoso acontecimento testemunhado
pelo povo de Israel sete semanas

depois de sua saída do Egito, quando estava acampado
ao pé do Monte Sinai. Nesta ocasião,

D'us manifestou Sua vontade a Israel e nos revelou
os Dez Mandamentos.

Embora estes mandamentos não constituam toda a Torá,
que consiste de 613 mandamentos – taryag mitsvot – eles são
o seu fundamento. Esses dez mandamentos se tornaram a base
das leis de grande parte da civilização ocidental. O nome Shavuot,
pelo qual a Torá se refere a esta data, significa simplesmente
“semanas” e deriva do fato de Shavuot ser observado
depois de se contar sete semanas completas, a partir
do segundo dia de Pêssach.

Ticun Lêl Shavuot: Durante a primeira noite de Shavuot
existe o bonito costume de se passar a noite em claro,
estudando Torá e mishná. Este ano, o estudo se realizará
no Sábado à noite, dia 8 de junho.

Shavuot é chamado também de “Chag Habicurim”
(Festa das Primícias), “Chag Hacatsir” (Festa da Ceifa do Trigo)
e “Zeman Matan Toratênu” (Época da Outorga da nossa Torá).

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Domingo, 9 de junho, a partir das 21h54m
(horário para São Paulo).

Final: Segunda-feira, 17 de junho, às 5h35m
(horário para São Paulo).

TAMUZ ⁵⁷⁷⁹ | 04 de Julho de 2019 a 01 de Agosto de 2019

ROSH CHÔDESH

Quarta e Quinta-feira, dias 3 e 4 de julho.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se Mussaf.

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefardi):

Terça-feira, 9 de julho, a partir das 10h38m
(horário para São Paulo).

Final: Quarta-feira, 17 de julho,
até as 5h00m (em São Paulo).

JEJUM - 17 DE TAMUZ

Domingo, dia 21 de julho.

Início: 5h35m. Término: 18h09m (em São Paulo).

Nesta data ocorreram, em épocas diferentes,
cinco trágicos acontecimentos:

- Moshê quebrou as Pedras da Lei ao ver o bezerro de ouro que o Povo de Israel havia feito.
- Foi suspensa a oferenda diária (Corban Tamid, de manhã e à tarde) no Primeiro Templo.
- Foram rompidas as muralhas de Jerusalém na época do Segundo Templo.
- Apóstomos, o Malvado (um oficial romano), queimou a Torá.
- Um ídolo foi colocado no Templo.

Menahem S. Khafif e Família

Desejam muito sucesso
para a Congregação
em todos os seus
empreendimentos.

GRUPO line OUTSOURCING DE IMPRESSÃO

Elimine os custos com compra de impressoras e assistência técnica. Colocamos impressoras em comodato a custo zero.

Gerenciamos todo o seu parque de impressoras. Agende uma visita sem compromisso para elaboração de um projeto em relação as necessidades de sua empresa. Retiramos e entregamos sem nenhum custo.

Televentas: 3331-3831
www.gpline.com.br

VRASALON®
DESDE 1968

Deseja grande sucesso espiritual e material para todo Am Yisrael!

www.vrasalon.com.br

Portal judaico brasileiro

NASCENTE

Aqui você encontra as últimas edições da sua revista Nascente e muito mais:

- Fotos e vídeos dos eventos da comunidade judaica
- Áudios e vídeos com ensinamentos do Rabino Isaac Dichi
- Aulas de Daf Hayomi com o Rabino Daniel Faour
- E muito mais!

www.revistanascente.com.br

HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT E YOM TOV EM SÃO PAULO

14 de junho - 17h07m	26 de julho - 17h21m
21 de junho - 17h08m	02 de agosto - 17h24m
28 de junho - 17h10m	09 de agosto - 17h27m
05 de julho - 17h13m	16 de agosto - 17h30m
12 de julho - 17h15m	23 de agosto - 17h23m
19 de julho - 17h18m	

PARASHAT HASHAVUA

15 de junho - Parashat: Nassô	Haftará: Vayhi Ish Echad
22 de junho - Parashat: Behaalotechá	Haftará: Roni Vessimchi Bat Tsiyon
29 de junho - Parashat: Shelach Lechá	Haftará: Vayishlach Yehoshua Bin Nun
06 de julho - Parashat: Côrach	Haftará: Vayômer Shemuel El Haam
13 de julho - Parashat: Chucac	Haftará: Veyiftach Haguil'adi
20 de julho - Parashat: Balac	Haftará: Vehayá Sheerit Yaacov
27 de julho - Parashat: Pinechás	Haftará: Divrê Yirmeyáhu Ben Chilkiyáhu
03 de agosto - Parashat: Matot - Massê	Haftará: Shim'u Devar Hashem
10 de agosto - Parashat: Devarim	Haftará: Chazon Yesha'yáhu Ven Amots

HORÁRIO DAS TEFILOT

- Shachrit:** De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin), 06h20m (Midrash Shelomô Khafif), 06h50m (Zechut Avot) e 07h15m (Ôhel Moshê).
Aos sábados - 08h15m (principal), 08h20m (Zechut Avot), 08h40m (infante-juvenil) e 08h45m (ashkenazim).
Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m e 08h30m.
- Minchá:** De domingo a quinta - 14h00m e 15min. antes do pôr do sol.
- Arvit:** De domingo a quinta - 10 min. após o pôr-do-sol, 19h00m e 20h00m.

MINCHÁ DE ÊREV SHABAT		MINCHÁ DE SHABAT	
14 de junho	- 17h07m	15 de junho	- 16h40m
21 de junho	- 17h08m	22 de junho	- 16h40m
28 de junho	- 17h10m	29 de junho	- 16h40m
05 de julho	- 17h13m	06 de julho	- 16h45m
12 de julho	- 17h15m	13 de julho	- 16h45m
19 de julho	- 17h18m	20 de julho	- 16h50m
26 de julho	- 17h21m	27 de julho	- 16h50m
02 de agosto	- 17h24m	03 de agosto	- 16h55m
09 de agosto	- 17h27m	10 de agosto	- 17h00m

TABELA DE HORÁRIOS

SIVAN / TAMUZ 5779

São Paulo	Dia	Alot Hashá-char	Zeman Tefilin	Nets Hachamá (nasc. Sol)	Sof Zeman Keriat Shemá			Sof Zeman Amidá		Chatsot	Minchá Guedolá	Sof Zem. Mussaf		Péleg Haminchá		Shekiá (pôr-do-sol)	
					de alot a tset	de alot a tset (72m)	do nets à shekiá	de alot a tset	do nets à shekiá			de alot a tset	do nets à shekiá	do nets à shekiá	de alot a tset		
Junho	4	5:31	5:52	6:42	8:36	8:48	9:23	9:38	10:17	12:04	12:34	12:43	12:58	16:20	16:35	17:27	
	5	5:31	5:53	6:43	8:36	8:48	9:24	9:38	10:18	12:05	12:35	12:43	12:59	16:20	16:35	17:27	
	6	5:32	5:53	6:43	8:37	8:49	9:24	9:39	10:18	12:05	12:35	12:44	12:59	16:20	16:35	17:27	
	7	5:32	5:53	6:43	8:37	8:49	9:24	9:39	10:18	12:05	12:35	12:44	12:59	16:20	16:35	17:27	
	8	5:32	5:54	6:44	8:37	8:49	9:25	9:39	10:18	12:06	12:36	12:44	12:59	16:20	16:35	17:27	
	9	5:33	5:54	6:44	8:38	8:50	9:25	9:39	10:18	12:06	12:36	12:44	12:59	16:20	16:35	17:27	
	10	5:33	5:55	6:45	8:38	8:50	9:26	9:39	10:19	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27	
	11	5:33	5:55	6:45	8:38	8:50	9:26	9:39	10:19	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27	
	12	5:34	5:55	6:45	8:38	8:50	9:26	9:40	10:19	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27	
	13	5:34	5:56	6:46	8:38	8:50	9:26	9:40	10:20	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27	
	14	5:34	5:56	6:46	8:38	8:50	9:26	9:40	10:20	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27	
	15	5:34	5:56	6:46	8:38	8:50	9:26	9:40	10:20	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27	
	16	5:35	5:57	6:47	8:39	8:51	9:27	9:41	10:20	12:07	12:37	12:45	13:00	16:20	16:35	17:27	
	17	5:35	5:57	6:47	8:40	8:51	9:27	9:41	10:21	12:08	12:38	12:46	13:01	16:21	16:36	17:28	
	18	5:35	5:57	6:47	8:40	8:51	9:27	9:41	10:21	12:08	12:38	12:46	13:01	16:21	16:36	17:28	
	19	5:35	5:57	6:47	8:40	8:51	9:28	9:42	10:21	12:08	12:38	12:46	13:01	16:21	16:36	17:28	
	20	5:36	5:58	6:48	8:40	8:52	9:28	9:42	10:21	12:08	12:38	12:46	13:01	16:21	16:36	17:28	
	21	5:36	5:58	6:48	8:40	8:52	9:28	9:42	10:22	12:08	12:38	12:46	13:02	16:21	16:36	17:28	
	22	5:36	5:58	6:48	8:40	8:52	9:28	9:42	10:22	12:08	12:38	12:46	13:02	16:22	16:37	17:29	
	23	5:36	5:58	6:48	8:40	8:52	9:28	9:42	10:22	12:08	12:38	12:46	13:02	16:22	16:37	17:29	
	24	5:36	5:58	6:48	8:40	8:52	9:29	9:42	10:22	12:09	12:39	12:46	13:02	16:22	16:37	17:29	
	25	5:37	5:59	6:49	8:41	8:53	9:29	9:43	10:23	12:10	12:40	12:47	13:03	16:22	16:37	17:29	
	26	5:37	5:59	6:49	8:42	8:53	9:29	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:03	16:23	16:38	17:30	
	27	5:37	5:59	6:49	8:42	8:53	9:29	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:03	16:23	16:38	17:30	
	28	5:37	5:59	6:49	8:42	8:53	9:30	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:04	16:24	16:39	17:30	
	29	5:37	5:59	6:49	8:42	8:54	9:30	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:04	16:24	16:39	17:31	
	30	5:37	5:59	6:49	8:42	8:54	9:30	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:04	16:24	16:39	17:31	
	Julho	1	5:37	5:59	6:49	8:42	8:54	9:30	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:04	16:24	16:39	17:31
		2	5:37	5:59	6:49	8:42	8:54	9:30	9:44	10:23	12:10	12:40	12:49	13:04	16:25	16:40	17:32
		3	5:37	5:59	6:49	8:42	8:54	9:30	9:44	10:23	12:10	12:40	12:49	13:04	16:25	16:40	17:32
4		5:38	5:59	6:49	8:43	8:54	9:30	9:44	10:23	12:10	12:40	12:49	13:04	16:25	16:40	17:32	
5		5:38	5:59	6:49	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:11	12:41	12:50	13:05	16:26	16:41	17:33	
6		5:38	5:59	6:49	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:11	12:41	12:50	13:05	16:26	16:41	17:33	
7		5:38	5:59	6:49	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:11	12:41	12:50	13:05	16:26	16:41	17:33	
8		5:38	5:59	6:49	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:50	13:05	16:27	16:42	17:34	
9		5:38	5:59	6:49	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:50	13:05	16:27	16:42	17:34	
10		5:38	5:59	6:49	8:44	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:51	13:06	16:28	16:43	17:35	
11		5:37	5:59	6:49	8:43	8:54	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:50	13:06	16:28	16:43	17:35	
12		5:37	5:59	6:49	8:43	8:54	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:50	13:06	16:28	16:43	17:35	
13		5:37	5:59	6:49	8:43	8:55	9:31	9:45	10:25	12:12	12:42	12:51	13:06	16:29	16:44	17:36	
14		5:37	5:59	6:49	8:43	8:55	9:31	9:45	10:25	12:12	12:42	12:51	13:06	16:29	16:44	17:36	
15		5:37	5:58	6:48	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:52	13:07	16:29	16:44	17:37	
16		5:37	5:58	6:48	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:52	13:07	16:29	16:44	17:37	
17		5:37	5:58	6:48	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:52	13:07	16:29	16:44	17:37	
18		5:37	5:58	6:48	8:44	8:55	9:30	9:46	10:25	12:13	12:43	12:52	13:07	16:30	16:45	17:38	
19		5:36	5:57	6:47	8:43	8:54	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:52	13:07	16:30	16:45	17:38	
20		5:36	5:57	6:47	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:13	12:43	12:52	13:07	16:31	16:46	17:39	
21		5:36	5:57	6:47	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:13	12:43	12:52	13:07	16:31	16:46	17:39	
22		5:36	5:56	6:46	8:43	8:55	9:30	9:46	10:24	12:13	12:43	12:53	13:08	16:32	16:47	17:40	
23		5:35	5:56	6:46	8:42	8:54	9:30	9:45	10:24	12:13	12:43	12:52	13:08	16:32	16:47	17:40	
24		5:35	5:56	6:46	8:42	8:54	9:30	9:45	10:24	12:13	12:43	12:52	13:08	16:32	16:47	17:40	
25		5:35	5:55	6:45	8:43	8:54	9:29	9:45	10:24	12:13	12:43	12:53	13:08	16:33	16:48	17:41	
26		5:34	5:55	6:45	8:42	8:54	9:29	9:45	10:24	12:13	12:43	12:53	13:08	16:33	16:48	17:41	
27		5:34	5:54	6:44	8:42	8:54	9:28	9:45	10:23	12:13	12:43	12:53	13:08	16:33	16:49	17:42	
28		5:34	5:54	6:44	8:42	8:54	9:28	9:45	10:23	12:13	12:43	12:53	13:08	16:33	16:49	17:42	
29		5:33	5:53	6:43	8:42	8:54	9:28	9:45	10:23	12:13	12:43	12:53	13:08	16:34	16:49	17:43	
30		5:33	5:53	6:43	8:42	8:54	9:28	9:45	10:23	12:13	12:43	12:53	13:08	16:34	16:49	17:43	
31		5:33	5:52	6:42	8:42	8:54	9:27	9:45	10:22	12:12	12:42	12:53	13:08	16:34	16:49	17:43	
1	5:32	5:52	6:42	8:41	8:53	9:28	9:44	10:23	12:13	12:43	12:54	13:08	16:35	16:50	17:44		



“O Palhaço da Classe”

GHAYIM WALDER

Meu nome é Yehudá.

Eu sou um menino engraçado. Assim todos dizem, e parece-me que eles têm razão.

Desde a primeira série, sou considerado “O Palhaço da Classe”.

Eu sei imitar as vozes das pessoas e os sons dos animais. Todos ouvem e rolam de rir.

Eu também sei contar piadas de forma com que todos riam. Por exemplo: se eu conto uma piada sobre uma galinha, distorço meu rosto e meu corpo de forma que pareça uma galinha, imito até o bico dela... Mesmo quem não ouve toda a piada, ri só de ver a imitação.

Vou lhes dizer a verdade. Às vezes eu quero ser sério, mas me parece que as crianças esperam de mim que eu as divirta. Eu gosto de me destacar, e por isso conto mais uma piada, faço mais uma imitação; o principal é que olhem para mim, e só para mim. Assim eu sou...

Antes de Pêssach, o professor pediu que eu mencionasse um versículo que estivesse ligado a Pêssach. Encarei-o com o rosto sério e disse: “Quando entra adar, aumenta-se a alegria”. Toda a classe riu, porque isso não tinha nada a ver com Pêssach.

A partir do momento em que todos pararam de rir, até o fim da aula, o professor ficou me dirigindo olhares examinadores. Não me senti bem. Senti que seu olhar penetrava dentro de minha alma.

Depois da aula, o professor pediu para que eu permanecesse na sala.

– Imagine – disse-me o professor quando ficamos sozinhos – o que aconteceria se, na

hora em que Moshê Rabênu informasse o Povo de Israel de que eles sairiam do Egito, aparecesse um palhaço que zombasse de suas palavras. O que você acha? Talvez até hoje não teríamos sido redimidos!

- Yehudá - continuou o professor a dizer - todo o motivo pelo qual o Povo de Israel sofreu durante quarenta anos no deserto, foi por causa de alguns palhaços. Por causa de um grupo de homens, muito espertos por sinal, mas palhaços, que conseguiram desviar o coração do povo para eles. Côrach também era um tipo de gozador!

- Uma gozação - disse o professor - anula cem reprimendas. Eu não quero dizer que você deve abrir mão deste seu talento. Mas pense bem em como usá-lo para alegrar as pessoas, e não para influenciá-las para o lado negativo.

O professor terminou seu conselho, deu-me um tapinha nas costas e foi-se embora. Permaneci na sala absorto em pensamentos. Pela minha cabeça passaram imagens do passado. Lembrei-me de como imitei Yossi, o melhor aluno da classe. Coloquei minha cabeça entre as mãos, fechando os ouvidos com elas, e fingi estar concentrado em estudos profundos com os olhos fechados. Também me lembrei de como zombei de uma velha senhora que atravessava a rua carregando algumas cestas. Fiz uma imitação perfeita, colocando meus óculos na ponta do nariz, enquanto me balançava de um lado para o outro.

Por algum motivo, não achei mais graça nenhuma em tudo isso. Senti um gosto ruim subindo em minha garganta e lágrimas começaram a escorrer de meus olhos. "Como pode ser tão mau", pensei. "Afinal de contas, não tenho um mau coração. Tenho certeza disso!".

"É claro que o professor tem razão!", pensei. "A zombaria tem uma força tremenda, que pode mudar a ideia das pessoas, que pode anular de uma vez só as coisas mais importantes. Uma força que pode ser muito prejudicial."

"Por outro lado", continuei pensando, "também dá para rir sem prejudicar".

Então tive uma grande ideia: "Se eu gozar das coisas negativas, poderei consertá-las e ser útil para todos".

Não se preocupem, não me tornei um menino melancólico. Continuei sendo o "Palhaço da Classe", mas agora todos me tratam com mais seriedade. Porque eu também trato as coisas importantes com seriedade.

A vida, acreditem, não é uma brincadeira!

Chayim Walder em "Yeladim Messaperim al Atsmam",
baseado em cartas recebidas de crianças.

Tradução de Guila Koschland Wajnryt.
Permissões exclusivas para a Nascente.



Leiluy Nishmat

Moshê ben Shefia z"l

Nissim ben Emilie z"l



Raffaele ben Salha Picciotto z"l

Ester bat Sofi Shafia z"l

Renée Khafif bat Emily z"l



Shlime bat Feigue z"l

APPS ANDROID

Aplicativos para celular desenvolvidos pela equipe Ôhel Moshê



Acesse a Play Store e baixe os apps gratuitamente!



Charles Cohab e Abraham Douer
desejam saúde e alegria para toda a comunidade!



Bank Cainvest

www.cainvest.com